

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL – MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Caren Schultes Borges

**SUBJETIVIDADE JUVENIL E MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO
NA CAPITAL REGIONAL DO VALE DO RIO PARDO (RS)**

Santa Cruz do Sul, dezembro de 2006

Caren Schultes Borges

**SUBJETIVIDADE JUVENIL E MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO
NA CAPITAL REGIONAL DO VALE DO RIO PARDO (RS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof. Dr^a. Edna Linhares Garcia

Santa Cruz do Sul, dezembro de 2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Borges, Caren Schultes

Subjetividade juvenil e Mal-estar
Contemporâneo na capital regional do Vale
do Rio Pardo (RS)

110p.:il.;30cm

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional – PPGDR, da Universidade de Santa Cruz do Sul –
UNISC - Área de concentração: Sociedade e Políticas Públicas

Orientadora: Edna Linhares Garcia

1. Exclusão Social e Desenvolvimento Regional
2. Subjetividade juvenil e Mal-estar Contemporâneo
3. Desenvolvimento regional e protagonismo juvenil

Palavras-chave: Subjetividade Juvenil, Mal-estar Contemporâneo, Desenvolvimento Regional.

Caren Schultes Borges

**SUBJETIVIDADE JUVENIL E MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO
NA CAPITAL REGIONAL DO VALE DO RIO PARDO (RS)**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de concentração em Desenvolvimento Regional, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Dr^a. Edna Linhares Garcia
Professora orientadora

Dr. Silvio Marcus de Souza Correa

Dr. João Pedro Schmidt

Dr^a. Marlene Neves Strey

Ao Adão, companheiro de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu amor “ADI” que por acreditar em meu potencial intelectual garantiu (sem ressalvas) o suporte financeiro necessário ao desenvolvimento das várias etapas deste estudo.

Agradeço a minha família e as minhas amigas pelo carinho, apoio e compreensão em todos os momentos que precisei de vocês.

Agradeço ao Dr. Rogério Lessa Horta pelo suporte psicológico, pela continência e pelos aconselhamentos e a Prontamente Clínica da Família pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Agradeço a minha querida orientadora, Dr^a Edna Linhares Garcia que soube não só mostrar caminhos, mas ser compreensível diante das minhas dificuldades oferecendo apoio e conforto. E também por tornar esta jornada bem mais prazerosa.

Agradeço ao prof. Dr. Silvio Marcus de Souza Correa que muito me incentivou à pesquisa com jovens e a continuidade nos estudos.

Agradeço ao prof. Dr. João Pedro Schmidt pelos preciosos conhecimentos e pelo pioneirismo com o tema do imaginário juvenil na região do Vale do Rio Pardo e ainda pelo incentivo à pesquisa com seres humanos desde meus tempos da graduação.

Agradeço ao Grupo de Estudos sobre Relações de Gênero da PUC/RS pelo acolhimento e pela oportunidade de crescimento profissional e de conhecimento científico.

Agradeço aos jovens do bairro Bom Jesus e aos do bairro Universitário que ampliaram minha visão sobre o município de Santa Cruz do Sul.

Agradeço ao PPGDR e seus docentes que contribuíram como exemplos a minha trajetória profissional. E, em especial, a coordenação pela concessão de créditos.

Agradeço ao NUPES e sua equipe (Carmem, Gilberto, Renato e Marília) pelas experiências em pesquisa que preenchem meu currículo e pelas vivências e aventuras que estarão para sempre em meu coração.

Agradeço, por fim, a UNISC por mais uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal e por proporcionar o desenvolvimento regional.

SUMÁRIO

RECONTEXTUALIZAÇÃO DO MAL-ESTAR.....	12
1 SUBJETIVIDADE JUVENIL E MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO.....	17
1.1 O processo de construção de subjetividade juvenil.....	17
1.2 O lado sombrio do Mal-estar contemporâneo: a vulnerabilidade juvenil.....	22
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	29
2.1 Definição do <i>corpus</i>	29
2.2 Caracterização dos sujeitos: o universo pesquisado.....	32
2.2.1 Bairro Bom Jesus - grupo de jovens Unidos pela Paz	32
2.2.2 Bairro Universitário: Grupo de jovens do Diretório Acadêmico do Curso de História.....	34
2.3 Pressupostos teórico-metodológicos	36
2.3.1 Natureza de pesquisa.....	36
2.3.2 Perspectiva Construcionista.....	38
2.3.3 Práticas Discursivas.....	40
2.3.4 Estratégias de pesquisa.....	41
2.3.4.1 Técnicas complementares.....	42
3 JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	46
3.1 Breve histórico do contexto social, econômico e educacional do município de Santa Cruz do Sul: conhecendo a capital regional do Vale do Rio Pardo.....	46
3.2 Preocupações juvenis em Santa Cruz do Sul: desigualdade social, violência e trabalho.....	48
3.3 Desenvolvimento Regional: uma luz para a vulnerabilidade juvenil.....	51
4. OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS JUVENTUDES SANTACRUZENSES.....	59
4.1 O entendimento de Juventude	59
4.2 Vivência juvenil dos processos de Exclusão social e as formas de expressarem o mal-estar.....	63
4.2.1 Mal-estar local: individualismo, assistencialismo e germanismo como vilões da integração social em Santa Cruz do Sul.....	63
4.3 Inércia juvenil e liberdade individual: Impasses ao Desenvolvimento Regional.....	69
4.4 Juventude e Perspectivas de Futuro: para quê sonhar?.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76

REFERÊNCIAS	80
ANEXO A – Roteiro de entrevistas	89
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	92
ANEXO C – Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.....	95
ANEXO D – Mapa de Santa Cruz do Sul	97
ANEXO E – Exemplo de Mapa de Associação de Idéias	99

RESUMO

Este estudo trata de uma investigação do processo de construção de subjetividade juvenil no município de Santa Cruz do Sul diante da problemática da exclusão socioeconômica advinda do processo de globalização que tem acirrado as desigualdades regionais. Como provável decorrência deste cenário, os jovens entrevistados expressaram uma diversidade de formas de construção de subjetividade, conforme sua localização geográfica e recente desenvolvimento urbano. A construção da subjetividade juvenil versa, neste estudo, à luz do desenvolvimento regional, porém sob uma ótica ampliada onde desenvolvimento não é meramente sinônimo de progresso econômico. Além do mais se pretende anunciar que alguns jovens do município de Santa Cruz do Sul não são tão privilegiados como mostram os índices do *Atlas da Exclusão Social no Brasil* (POCHMAN, 2004), pois a exclusão social não é característica do norte e nordeste brasileiros, que têm sido contemplados pelas agendas de políticas públicas, ela é também encontrada na região sul do país em municípios em desenvolvimento. Visa também, neste estudo, averiguar a atualidade da assertiva freudiana sobre o tema do mal-estar. Afinal, o acirramento das desigualdades regionais traz consigo novos problemas sociais como a ausência de perspectivas (de futuro) da população juvenil pesquisada que pode se expressar através do aumento da vulnerabilidade juvenil a comportamentos hostis, levando aos descaminhos do processo de alteridade, tão necessário à cidadania. Para tanto, esta investigação se desdobra em quatro capítulos. No primeiro capítulo abordamos alguns dos aspectos teóricos sobre o processo de construção de subjetividade juvenil e sobre a atualidade da temática do mal-estar. No segundo, apresentamos a metodologia adotada para a execução desta pesquisa anunciando tanto os sujeitos entrevistados como o marco teórico-metodológico e as estratégias (técnicas) utilizadas. No terceiro, apresentamos o município de Santa Cruz do Sul e algumas das preocupações juvenis locais, e também algumas premissas do Desenvolvimento Regional. No quarto, e último capítulo, apresentamos os resultados deste estudo refletindo sobre as possibilidades e as limitações do protagonismo dos jovens deste estudo para o desenvolvimento regional, contextualizado em Santa Cruz do Sul. As considerações finais apontam para a carência de políticas econômicas voltadas para as questões sociais e com maior equilíbrio na distribuição das riquezas. Além disso, constatou-se que as subjetividades juvenis no município de Santa Cruz do Sul estão sendo construídas em direção ao individualismo e a intolerância, tornando essencial a pertinência de políticas públicas que contemplem as questões sociais considerando as diferenças culturais regionais.

Palavras-chave: subjetividade juvenil, mal-estar contemporâneo, exclusão social, desenvolvimento regional.

ABSTRACT

This paper take care of investigate the construction process of juvenile subjectivity in the city of Santa Cruz do Sul in front of the problematic social and economics exclusion succeed of the global process that reinforce the regional inequalities. The probably reaction juvenile this scenery is distinct forms the construction of subjectivities correspondent your geographical localization and recent urban evolution. The construction of juvenile subjectivity is hence investigated around the Regional Development, even so under enlarged optical where development is not just economical progress. Besides I intends to announce that the youth santacruzenses is not so privileged as they show the indexes of the *Atlas of the Social Exclusion in Brazil* (POCHMAN, 2004), because the social exclusion is not characteristic of the Brazilian north and northeast, that they have been contemplated by the calendars of public politics, the social exclusion is also found in the south area of the country in municipal districts in development road. Also seeks to discover the present time of the assertive of Sigmund Freud on the theme of the malaise. After all, the reinforce of the regional inequalities brings I get new social problems as the absence of perspectives (of the future) of the juvenile population that can be being reflected through the indexes increase of the juvenile vulnerable to aggressives behaviors and wrongs ways of the altherity and citizenship. For this, this investigation was divided up four chapters. In the first chapter, we broached something theoryc aspects about the construction process of juvenile subjectivity and about the actually the theme of the malaise. In the second chapter, we showed the methods used for this investigation, introduced the peoples interviewed and the strategies of research. In the third chapter, we showed the Santa Cruz City and something juveniles worries and so the considerations about regional development into Santa Cruz city. The conclusion appointed that we realized that for the juvenile subjectivity in Santa Cruz city is necessary economics politics about the social questions and with more balance in the wealth distribution. Besides, we realized that the juvenile subjectivity in the Santa Cruz city it will talked for the individualism and intolerance, turning essential the public politics about the social questions and the cultures differences regionales.

Keywords: juvenile subjectivity, contemporary malaise, social exclusion, regional development

RECONTEXTUALIZAÇÃO DO MAL-ESTAR

Na área do Desenvolvimento Regional são muitos os estudos dos aspectos políticos e econômicos de uma região, tornando pertinentes estudos que contemplem as questões sociais e a qualidade de vida nas regiões, mais especificamente, as questões relativas aos processos de subjetivação cultural. Nesta direção, este trabalho propõe uma investigação no que se refere aos processos de construção de subjetividades juvenis locais e as novas configurações do mal-estar. Afinal, pensamos importante, tanto para a Psicologia como para a Economia, uma articulação entre o Desenvolvimento Regional e os processos de subjetivação cultural local. Esta necessidade de articular disciplinas tão distintas, como a Economia Política do Desenvolvimento e a Psicologia Social, surgiu após alguns questionamentos a cerca da prática profissional em Psicologia em fomentar nos cidadãos o desejo (individual e coletivo) de formularem políticas públicas mais próximas de suas realidades culturais. Há uma carência social em problematizar o modelo de desenvolvimento econômico que parece pouco voltado para as questões sociais e para os aspectos relativos à qualidade de vida. Pensar este trânsito disciplinar não é uma utopia, mas um desafio ao caminho do fazer ciência ao vislumbrar um outro mundo possível a partir de uma perspectiva da cultura local. Além disso, ao fazermos ciência através do uso da pesquisa qualitativa com jovens moradores de distintos bairros de um município pólo regional estamos, de certa forma, provocando o esclarecimento referente ao mal-estar juvenil contemporâneo para que os próprios jovens pesquisados tenham suas vozes reconhecidas e para que tenham consciência de seus problemas e das condições que o geraram, a fim de elaborarem meios e estratégias de resolvê-los (em conjunto com as instâncias governamentais).

Um outro ponto de partida para este estudo emergiu da necessidade de continuidade e de um novo olhar aos estudos sobre o imaginário juvenil na região do Vale do Rio Pardo e Taquari. É preciso investigar não somente o que pensam estes jovens, mas o que sentem e como se percebem diante deste cenário de desigualdades sócio-econômicas. Cenário este que vem sendo trilhado (e perpetuado) ao longo da história política brasileira.

A abertura dos mercados além mar em decorrência do liberalismo econômico, vem propiciando desde os anos 90 não só um clima social permissivo (diferentemente da década de 50 que era repressivo) como um aumento nos índices de vulnerabilidade juvenil à exclusão social, tornando este um tema emergente das ciências que têm pautado as questões sociais, como a Psicologia, a Sociologia e mais recentemente a Economia Política do Desenvolvimento. É notório o aumento do índice de jovens inativos considerando as transformações ocorridas no processo de produção capitalista. Sem perspectivas, os jovens têm abandonado o sistema escolar precocemente para ingressar no mercado de trabalho, mas por estarem desqualificados, tornam-se “inativos” e público potencial para violência. Esta mudança ocorrida na forma de ocupação (subproduto da era da informação) tem contribuído para o aumento do desemprego e, também, para o aumento do emprego informal e da precariedade salarial o que resulta à população jovem um convívio diário com a pobreza e suscetibilidade à comportamentos hostis, diga-se à violência urbana, seja isto em centros urbanos ou em municípios em desenvolvimento como o município de Santa Cruz do Sul considerado, em 2003, um dos 200 melhores municípios para se viver no Brasil (POCHMANN, 2003). Estas configurações sociais têm gerado mal-estar, incertezas e dúvidas quanto ao futuro, em especial ao público jovem com idade entre 15 e 24 anos, etapa em que a construção da subjetividade e mais precisamente da formação da identidade cultural, em especial, profissional e cidadã requerem atenção, já que são considerados no imaginário social nacional como o “futuro da nação” ou protagonistas em potencial do desenvolvimento ou ainda como promotores dinâmicos das mudanças sociais. Um “ônus” que acreditamos destoar das perspectivas de futuro construídas pelos jovens desta pesquisa, que depositam no emprego formal o “quinhão de sua felicidade”, ou melhor, sua segurança e amparo social.

Entretanto, a frustração por não conseguir incluir-se socialmente através de um emprego e, conseqüentemente, alcançar uma condição de vida digna não é o único fator desencadeante do mal-estar que tem solapado a juventude contemporânea. A chamada “cultura do narcisismo” (Birman, 2000) tem sido fenômeno associado à nova forma de comportamento juvenil: o individualismo. Muitos jovens trocaram “o quinhão de suas

possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade”. (Bauman, 1998:10) O mal-estar inerente ao desenvolvimento humano outrora projetado por Sigmund Freud (1930) reaparece então sob novo cenário.

Além do retorno da cultura do narcisismo e do emprego ter se tornado um requisito para a inclusão social, os jovens contam ainda com o quesito consumo, padrão que tem sido ditado pela mídia global (ocidental) essencialmente por um viés estético juvenil. Aqueles que podem consumir estão inclusos na sociedade e aqueles que querem, mas não podem são considerados os “consumidores falhos”, os novos excluídos. Tudo isto traz à condição humana uma existência baseada no ter à ser, denotando novas formas de subjetividade e de formação da identidade cultural, em especial aos jovens do bairro Bom Jesus e Universitário do município de Santa Cruz do Sul, que convivem diariamente, através da economia local, com o capital transnacionalizado provindo das indústrias fumageiras. Esta proximidade de valorização do que vem de fora do município pode ser um entrave para a integração da cultura local à global. Afinal, muitos destes jovens que não visualizam no município oportunidades de desenvolvimento para si almejam a migração para outras regiões do país. Ao que parece os jovens entrevistados não percebem uma integração satisfatória, afinal o padrão que a cultura local oferece à “seus olhos” não pode ser “consumido”. Esta é uma das formas de recontextualização do mal-estar, mas são muitas suas interfaces.

Ao ser recontextualizado, o mal-estar, portanto já não se faz mais objeto epistemológico exclusivo da psicanálise, pois é considerado fenômeno diacrônico, a-histórico, universalmente válido para todas as épocas. Isto porque adquiriu ares compatíveis com a era tecnológica avançada e com a cultura que lhe corresponde, pós-moderna em essência. Há na atualidade uma nova leitura da cultura que nos permite apreender o mal-estar sob outras nuances que envolvem o processo de sua produção. A exemplo da era tecnológica avançada onde a cultura se coloca *per si* como a própria cultura do mal-estar. Pois o avanço tecnológico não significa mais bem-estar ou felicidade, mas novas formas de sofrimento.

Esta nova dimensão existencial significa novas modalidades de obrigação, maior liberdade individual, maior pressão exógena e outros tipos de privação e sofrimento interior. Esta face do mal-estar, na sociedade tecnológica atual, traz consigo uma intensificação das condições geradoras do desprazer. Pode-se dizer que se está falando da sobrevivência psíquica em tempos difíceis. Isso pode ser retratado pela juventude brasileira, pois, nunca se viu tantos jovens marginalizados, vulneráveis à AIDS, à gravidez precoce, a acidentes de trânsito, à relacionamentos virtuais, à obesidade e à anorexia, ao desemprego, à evasão escolar, ao crime organizado e ainda distantes da cidadania e do processo de alteridade. Para esta população, tudo parece ser levado ao limite, à potencialização de tudo o que produz desequilíbrio psíquico, emocional e bioenergético. Assim, uma leitura que leve em conta aspectos psicológicos parece adequada para o estudo do tema mal-estar, em especial às ansiedades, (in)satisfações, inseguranças e/ou incertezas e auto-estima expressas pela juventude. Enfim, para o estudo das novas formas de construção de subjetividade e intersubjetividade juvenis.

Pretendeu-se, neste trabalho, a partir da análise das práticas discursivas, caracterizar a construção da subjetividade de dois grupos de jovens no município de Santa Cruz do Sul situado na parte meridional do Brasil, região considerada privilegiada nos índices de desenvolvimento econômico e social, mas que também tem apresentado uma realidade socioeconômica repleta de desigualdades. Para isto elaborou-se uma proposta de trabalho que contemple a natureza qualitativa de uma investigação científica baseada numa perspectiva construcionista e fenomenológica para que se possa contribuir para avanços nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. E também contribuir para futuras reflexões e possibilidades de planejamento de ações políticas e sociais, bem como de investimentos e de recursos para potencialização do público juvenil, considerando sua subjetividade e identidade cultural local.

Assim, este estudo buscou analisar parte da situação juvenil (através dos jovens pesquisados) no município de Santa Cruz do Sul, verificar a forma como sua subjetividade está sendo constituída, a maneira como manifestam seu mal-estar e de que

formas se sentem incluídos ou excluídos da sociedade. Apontamos um conjunto de idéias que clarificam quais fatores favorecem e quais dificultam ou impedem a contribuição destes jovens ao desenvolvimento regional, bem como se têm oportunidade de produzir sentidos que possam estar associados às possibilidades de incremento em sua capacidade de exercer a cidadania e praticar a alteridade. Afinal, promover o desenvolvimento saudável da juventude é um dos mais importantes investimentos que uma sociedade pode fazer.

Este trabalho de pesquisa se fixou no propósito de averiguar a atualidade da assertiva freudiana referente ao mal-estar inerente ao desenvolvimento e suas implicações na construção de subjetividades juvenis. Afinal, “é crescente a demanda por histórias de identidades necessárias para restaurar a segurança, construir a confiança e tornar possível a interação significativa com os outros”. (BAUMAN, 1998)

A seguir, no primeiro capítulo – Subjetividade Juvenil e Mal-estar Contemporâneo - ressaltamos alguns aspectos relevantes ao processo de construção de subjetividade juvenil e resgatamos como premissa para este estudo, a temática do mal-estar para a atualidade situando a vulnerabilidade juvenil. No segundo capítulo - Aspectos Metodológicos - apresentamos a metodologia adotada para a execução desta pesquisa anunciando tanto os sujeitos entrevistados como o marco teórico-metodológico e as estratégias (técnicas) utilizadas. No terceiro capítulo – Juventude e Desenvolvimento Regional - apresentamos um breve histórico do contexto social, econômico e educacional do município e também as preocupações dos jovens deste estudo, e ainda, o Desenvolvimento Regional como uma possibilidade à minimização da vulnerabilidade juvenil. E, por fim no quarto e último capítulo – Os Sentidos Produzidos pelas Juventudes Santa-cruzenses – apresentamos os resultados deste estudo, refletindo essencialmente sobre as possibilidades e as limitações dos jovens pesquisados para o desenvolvimento regional, contextualizado em Santa Cruz do Sul.

1 SUBJETIVIDADE JUVENIL E MAL-ESTAR

Neste capítulo abordaremos alguns dos aspectos teóricos vigentes na literatura contemporânea tanto sobre o processo de construção de subjetividade juvenil como sobre a atualidade da temática do mal-estar. A idéia central é apresentar uma visão interdisciplinar das formas de como o processo de construção de subjetividade dos jovens vem sendo referenciado. Para isso, as disciplinas eleitas neste estudo foram a Psicologia Social, a Psicanálise e a Sociologia da Juventude, pois acreditamos que apresentam uma leitura mais próxima à realidade (ou problemática) social a qual pretendemos investigar. Além disso, estas disciplinas possibilitam entrever a forma como a temática do mal-estar está sendo configurada na contemporaneidade em relação ao público juvenil.

1.1 O processo de construção de subjetividade juvenil: uma visão interdisciplinar

A construção de subjetividade não é um tema recente das ciências humanas e sociais, mas tornou-se foco de muitos estudos contemporâneos, em especial pela Sociologia da Juventude e pela Psicanálise, por implicar a juventude à era do narcisismo (LASCH, 1979) Assim, parte-se do pressuposto que a subjetividade da sociedade é, também, expressa por sua juventude. Afinal, é nesta etapa da vida que as forças externas (mercado consumidor, indústria cultural, Estado, Escola, Família e rede de amigos) mais exercem influências sobre a formação de subjetividade e identidade cultural dos sujeitos.

No Brasil de outrora a juventude não era percebida como parcela significativa à construção da subjetividade da sociedade brasileira. Na era de Nelson Rodrigues, diga-se modernidade, não havia espaço para o rejuvenescimento da população, o adulto comandava o espetáculo. Foi por volta dos anos 1950 que o termo adolescente tomou “voz” discernindo este do jovem-adulto da sociologia clássica (15 a 24 anos). Por adolescente entendia-se aquele que estava no limbo: entre o infantil e o adulto sendo caracterizado pelo desenvolvimento do corpo e da sexualidade, embora ainda não lhe cabiam responsabilidades.

O jovem da atualidade é marcado igualmente por ambivalência: consome igualmente como um adulto (dependendo muitas vezes dos pais) e goza da liberdade individual para isso, mas é destituído de responsabilidades (CALLIGARIS, 2000). Além do mais, o sistema econômico vigente e sua política de emprego excludente tem contribuído para o prolongamento desta dependência juvenil, pois os filhos – jovens - sem trabalho permanecem mais tempo em casa e alguns, também, na escola, geralmente os mais privilegiados economicamente.

Bourdieu (1983) ressalta que a divisão das idades indicaria a divisão do poder, o que cada um deve fazer e o lugar que cada um deve ocupar numa sociedade. Sendo assim, esta divisão de idade, classe e sexo serve como objeto de manipulação. O autor menciona que a escola também teria um efeito manipulador, em especial das aspirações destes jovens. Já que existem os jovens que trabalham e os que estudam e os que estudam e trabalham. O sistema escolar seria excludente ao reproduzir privilégios, já que se torna inacessível àqueles jovens menos favorecidos, isto somado ao atual comprometimento da qualidade de ensino. Mas, o poder de maior influência e manipulação do público jovem reside na mídia, que articulada a indústria cultural ditam, preocupantemente, a estética identitária juvenil: a de consumidor em potencial. Pensar desta forma confirma o poder dominante do reino da economia, pois aquele que consome provém daquele que está ativo no mercado de trabalho e, portanto pode consumir. Desta lógica nascem os excluídos, aqueles que desejam, mas não podem

consumir. Assim, o jovem contemporâneo não fica imune do mal-estar outrora projetado. Nem tampouco aqueles que podem consumir, pois diante do individualismo exacerbado, jovens pobres e ricos tornam-se vulneráveis aos comportamentos hostis provindo da intolerância à diferenças.

Outra referencia à juventude se faz necessária. Enquanto etapa do desenvolvimento humano socialmente construída, há que se destacar características específicas desta passagem do infantil para o adulto preconizadas por Erik Ericson do campo da Psicologia. Para este a adolescência é compreendida como uma fase caracterizada pela ruptura da dependência psicológica dos pais e a inserção na sociedade, etapa em que acontece o processo de individuação através de sucessivas identificações. Isto torna preocupante a forma como estas identificações estão sendo construídas. Pois, nas sociedades contemporâneas, cada vez mais, um número maior de pais têm abdicado de seu *status* de autoridade (que impõe leis e proibições) e atribuído aos filhos total liberdade sobre seus destinos. Isto tem gerado um exacerbado individualismo por parte destes jovens que entregam seus destinos ao mercado consumidor e à indústria cultural passando, portanto, sua felicidade a ser gerada pelo quesito consumismo, o poder “ter” ao invés do poder “ser”(BIRMAN, 2000). E mais, o lugar que a juventude ocupa na sociedade atual é invejável, pois “ninguém mais quer ser adulto, todo mundo quer ser jovem”. O jovem contemporâneo além de ambivalente tornou-se um ditador do ideal social.

Versão semelhante e complementar sobre a juventude e a família é prescrita pela filósofa brasileira Tânia Zagury (1996). Esta autora entende que a etapa da adolescência pode ser entendida por fatores biopsicossociais, tais como: acentuado desenvolvimento físico, amadurecimento sexual, sociabilidade e desenvolvimento intelectual (surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo). Mas, a contribuição mais importante desta autora (e da filosofia) é que nesta etapa da juventude há uma acentuada busca de identidade e que seria papel da família promover o desenvolvimento da capacidade de autocrítica tão necessária para o exercício da cidadania. No entanto, menciona que há, também, uma

necessidade de auto-afirmação e de comportamento em grupos. Daí que nesta etapa o engajamento nos movimentos sociais e a formação de líderes tornam-se iminentes, além do consumismo, fato que tem nos preocupado.

Além do mercado consumidor ditar a felicidade dos sujeitos, há também que mencionar o papel dos grupos na construção da subjetividade destes jovens. O grupo vai ter função social onde através das experiências com a convivência vai se dar a aprendizagem (ou não) sobre a tolerância e laços de confiança e solidariedade. Contudo, o que se percebe é que os grupos têm se transformado em gangues (como punks e darks) e potencializado o caráter narcísico dos sujeitos para se auto-afirmarem com a hostilidade a outrem. Estes particularismos acabam reforçando a problemática da exclusão social e, levando-nos a acreditar que já não se pode mais falar em juventude santacruzense, mas em jovens do Bairro bom Jesus e jovens universitários moradores de bairros próximos ao centro do município.

A construção de identidade e autocrítica no jovem parece ser um desafio à contemporaneidade. Se a família tem omitido sua função, cabe aos demais aparelhos de reprodução social e de formação de identidade e subjetividade requererem atenção neste processo. Estado e escola ocupam, portanto, concomitante responsabilidade já que ditam normas e leis que regem os direitos e os deveres destes jovens. No Brasil foi promulgada a Lei 10.097 de 19 de dezembro de 2000, dando nova regulamentação à aprendizagem com o objetivo de facilitar o ingresso do jovem no mercado de trabalho. Embora amparados legalmente muitos jovens sabe-se, não estão trabalhando nem estudando e apresentam um baixo índice de escolaridade e índice elevado de desemprego. A “novidade” então é o papel do Estado. Se na modernidade era caracterizado pela repressão e coerção (nazi-fascismo), na atualidade verifica-se um descrédito de sua função regulamentária. Aliás, esta tarefa foi internacionalizada e privatizada como já dizia Bauman (1998).

A verdade é que não dá mais para cultivar a homogeneização da população e a desregulamentação do Estado por parte de forças internacionais do desenvolvimento. Há que se repensar novas formas de construção de narrativas identitárias para o público jovem. Pois, como diz a psicanalista Betty Fuks sobre a realidade brasileira (2003:9): *“Estamos diante dos efeitos subversivos do legado freudiano diante de um mundo que caminha, cada vez mais, na direção do apagar das diferenças e da homogeneização perversa e obscena (...). Regidos por um narcisismo que ultrapassa o essencial à manutenção da vida, esses valores vêm impondo maciçamente valores absolutos e auto-devoradores à civilização.”*

Os jovens de hoje, parecem, ter perdido sua capacidade de sublimar¹ (simbolizar), estão voltados para sua própria liberdade de ser e estar no mundo que, perversamente potencializa este imaginário narcísico já que estão livres da responsabilidade dos pais, da escola e, inclusive do Estado. O jovem brasileiro, *grosso modo*, parece estar mais egoísta e intolerante, identidade esta que é contrária aos princípios da cidadania e da democracia alicerçadas no processo de alteridade necessário à “civilidade” contemporânea.

¹ A sublimação é um processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. *“Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados”*. (LAPLANCHE, 1998, p.495)

1.2 O lado sombrio do mal-estar contemporâneo: a vulnerabilidade juvenil

A condição trágica do sujeito no mundo moderno enunciada por Sigmund Freud no final dos anos 1920 através de sua obra intitulada *Mal-estar na civilização*² trata da crítica psicanalítica da modernidade: desamparo do sujeito no campo social. Retomar o mal-estar é falar de sujeito e subjetividade. Pois, segundo Birman (2000:15) o mal-estar alude ao sujeito e se inscreve sempre no campo da subjetividade e como contraponto ao bem-estar, torna-se matéria-prima para a produção de sofrimento. Com isso, faz-se necessário averiguar as novas formas de subjetivação da atualidade.

Na atualidade o horror que se prescreve não se difere da assertiva freudiana sobre as narrativas identitárias nazi-fascistas do progresso da ciência e da tecnologia. Contudo passou da tentativa de produção de identidade coletiva universalista imposta por regimes autoritários da modernidade para o reino da indústria cultural e do mercado consumidor ditado por padrões internacionalizados da era da globalização – contemporaneidade. A diferença reside, *grosso modo*, no fato de que na modernidade os sujeitos visualizavam junto com o social um futuro pré-fabricado e estavam à mercê da repressão e do sentimento de culpa. Na atualidade está-se, pois diante de um futuro incerto com acelerada e permanente mudança.

A incerteza e o processo de permanente mudança podem remeter o jovem a um vazio identitário, ou melhor, a uma identidade homogênea ditada pela globalização perversa. Esta ausência de sentidos para o indivíduo possibilita a liberdade individual de forma exacerbada gerando também o sentimento de desamparo social.

² Em 1930, foi publicado em Viena por Sigmund Freud, o pai da Psicanálise, um livro chamado, inicialmente *Das Unglück in der Kultur* (A infelicidade na cultura) e, posteriormente renomeado como *Das Unbehagen in der Kultur* (O mal-estar na cultura). Freud faz uma distinção entre cultura - *Kultur* e civilização - *Civilisation*. A primeira vai tratar da dimensão espiritual das instituições humanas e a segunda, da dimensão material da vida social. (FUKS, 2003) Assim, o mal-estar seria a categoria que designa os desconfortos inerentes a toda a cultura e civilização. Desta forma, a civilização se constrói sobre uma renúncia ao instinto. Civilização seria, então sinônimo de modernidade. (BAUMAN, 1998)

A Psicanálise via *Psicologia das massas* (Freud, 1930) visualiza nos fenômenos e sintomas culturais toda e qualquer atitude do indivíduo em relação ao outro, assim, a experiência subjetiva implica a referência do sujeito ao outro e à linguagem que o determina simbolicamente. Desta forma, o conflito entre vida social e processos narcísicos (não reconhecimento do outro) incluem o discurso da Psicanálise no contexto de uma reflexão crítica sobre a cultura tornando pertinente seu estudo diante uma sociedade contemporânea legada de diversidade cultural em convivência com a universalização imbuída no processo de internacionalização e globalização provenientes de um sistema econômico que privilegia minorias elitistas, portando excludente.

As questões sobre a civilização moderna em sua relação com a pulsão de destruição (hostilidade) mencionada nos estudos do mestre de Viena podem ser análogas ao cenário atual de contrastes sociais explícito em alguns países da América Latina, como é o caso do Brasil. Estes contrastes apresentam-se bem retratados pelo desemprego, pelo empobrecimento e pela crescente violência urbana em contrapartida ao avanço da ciência e das tecnologias. Diante de contexto semelhante fruto da grande guerra, premonitivamente, Freud mapeou os expedientes do homem moderno frente à morte e mencionou que o papel do Estado moderno era de incitar o sujeito a não acreditar em sua própria morte, desprezar a morte daqueles a quem ama e estigmatizar o estrangeiro como inimigo. Com isso, a presença sagrada da morte cedeu lugar à um certo ateísmo que incitou o homem a desfazer todas as tentativas de simbolizá-la.

Sob a ótica freudiana a capacidade de sublimar (simbolizar) está diretamente ligada a diferentes graus de organização psíquica. Pois, existem pessoas que não se contentam com o sublime. O conflito psíquico permanente de exigências das pulsões (desejos) e da cultura frente à satisfação é inerente ao ser humano. E, o papel da cultura diante as pulsões é ao mesmo tempo promover o desejo e impor repressões à realização das pulsões eróticas e agressivas. Na impossibilidade de simbolizar a natureza enigmática da violência – desequilíbrio entre as pulsões (de morte e de vida) o homem contemporâneo e o selvagem das cavernas podem ser igualmente bárbaros, cruéis e

malignos. Os efeitos da sublimação sob a vida social incita o sujeito a ultrapassar os valores do narcisismo (encontrar em si mesmo um objeto de gozo (satisfação)). Assim, a sublimação é necessária para o processo de alteridade que é condição do fundamento dos laços sociais. Portanto, a sublimação é uma das vias que a civilização impõe ao sujeito para assegurar o controle das pulsões. O sujeito ao sublimar (simbolizar) encontra um modo próprio e subjetivo de satisfação, transformando os restos pulsionais, ajudando a minorar os poderes da repressão e inibição sob a cultura, modificando-a. Desta forma, o mal-estar é civilizatório (FREUD, 1930).

Nesta mesma lógica freudiana, o sujeito, ao sacrificar seus desejos mais ínfimos está possibilitando a convivência com os demais. Este mal-estar criado pelo próprio sujeito em articulação ao ambiente social é inerente ao seu desenvolvimento. A própria natureza das pulsões é quem torna a felicidade plena virtualmente impossível. Aliás, uma humanidade feliz e sem sofrimento não passa de uma crença. Nesses termos, a violência é a categoria do mal na ordem dos fenômenos sociais. Freud já mencionava que o mal, a destruição e a desumanização dos laços sociais são acontecimentos inexoráveis da humanidade, são, portanto históricos e sociais. Assim, é impossível erradicar o mal. Entretanto, estes instintos podem ser regulados e a violência, portanto, minimizada.

A inclinação inevitável do sujeito à destruição (soberania da pulsão de morte em seu estado puro) denota a vocação da humanidade para “*satisfazer no outro a agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, tirar-lhe a posse de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo*” (Freud, apud Fuks 2003:40). O homem é o “lobo” do homem e, nestes termos, o perigo mora ao lado do progresso já dizia Freud ao referenciar que a ciência e a tecnologia protegem o homem das forças da natureza, trazem bem-estar e mudanças consideráveis a civilização; mas, por outro lado, concedem poderes desmesurados aos “lobos”. O mestre de Viena menciona, ainda que a apropriação nefasta do saber tecnocientífico traz conseqüências nefastas para o destino da humanidade.

Nestes termos, a visão freudiana do mal-estar vai identificar o Estado-nação como poder ilimitado sobre a sociedade, pois impõe aos indivíduos através de leis o protecionismo de que necessitam e a necessidade de pertencimento a um grupo determinado a exemplo do Nacionalismo no Militarismo. Assim, em nome da unidade grupal ficam abolidos das vontades individuais. Esta insuflação amorosa da identidade coletiva foi denominada por Freud *de narcisismo das pequenas diferenças*, que incita aos sujeitos impulsos hostis estimulados pelo estranhamento às pequenas diferenças. Este potencial de exclusão visa a eliminação da diferença traduzido em intolerância à alteridade. Uma realidade “a olhos vistos”, também, na contemporaneidade.

Os regimes políticos totalitários de outrora utilizaram, em demasiado esta tentativa de restabelecer uma figura de Estado em excesso que oferece às massas a quimera de protegê-las. Esta estratégia fixada na infantilização do sujeito remete também à universalização e ao gozo narcisista com a oferta de um objeto de sacrifício a um poder supremo (*Führer*). O horror ao não-familiar tornou-se, na modernidade, uma arma política do ideal de normalização da sociedade.

Na mesma direção, o psicanalista Birman (2000) ao pensar o mal-estar na cultura contemporânea, seja no caso brasileiro como no contexto internacional, discursa sobre a cultura do narcisismo. Para isto, referencia-se à psicanálise como o saber mais consistente construído pelo Ocidente para indagar as relações do sujeito com seu desejo resgatando em seu cerne as questões morte, gozo e violência. Mais que isto, busca compreender o caráter constitutivo da alteridade na subjetividade. E, como formas de subjetivação da atualidade, identifica a intolerância e o racismo.

A intolerância e o racismo ainda são formas discursivas da estrutura social que não foram absolutamente desconstruídas após a segunda grande guerra nem com a mais recente queda do muro de Berlim. Na verdade, Birman (2000) faz um “*link*” do pensamento freudiano da modernidade sobre o discurso nazista e fascista – regimes

totalitários - com as práticas políticas dos agentes sociais atuais. Mais que isto, menciona uma intolerância e, conseqüente violência, permeada com marcas nazistas e traços fascistas que não se restringe aos discursos das práticas políticas, mas que perpassa o campo das mentalidades e da consciência social sendo enunciada no cotidiano através da produção artística como a música, o cinema e a literatura. Assim, o que permeia a cena imaginária do sujeito na atualidade é o horror de conviver com a diferença, pois nesta pode haver um signo hierárquico de superioridade.

De acordo com Birman (2000) a intolerância, então se funda na impossibilidade de convívio do sujeito e do grupo social com a diferença do outro e a violência torna-se inevitável, pois é a única forma que resta ao sujeito de gozar diante da pobreza simbólica e da impossibilidade de desejar. O sentimento de vazio (a ausência de sentidos) por causa da falta de signos identitários torna a vergonha como sentimento coletivo e não mais o sentimento de culpa como ocorria nos tempos de Freud. Outra conseqüência desse quadro caótico é o que Birman (2000) chama de violência da sociedade de consumo e visualiza três processos coletivos neste contexto contemporâneo. Um deles diz respeito aos traumatismos coletivos representados pelas doenças. Um outro é o enfrentamento da sociedade do espetáculo e o terceiro problema seria causado pela globalização e compreende a desconstrução progressiva do Estado-Nação e do bem estar social.

Bauman (1998) faz uma reflexão sobre as ansiedades da sociedade pós-moderna caracterizada pela vontade de liberdade acompanhada da globalização, ou seja, de um mundo de incertezas, incontrolável e assustador, diferentemente da necessidade de segurança e ordem projetadas por Freud na vida social. Analisa as condições culturais da sociedade à luz do comunitarismo atual desvelando o mal-estar cultural e as várias formas de estar no mundo a partir de ameaças planetárias como a insegurança ontológica, igualmente defendida por Antony Giddens. Esta universalização do medo ou das perdas derivada da troca da ordem pela busca da liberdade é tratada pelo autor da mesma forma que se refere ao papel do Estado-nação diante da globalização. Preocupação pertinente também para Birman.

A regulação normativa outrora marca do Estado moderno foi transformada pela política de internacionalização do mercado de capital e de informação privando o Estado de seu antigo *status* de lugar supremo estilhaçando a segurança existencial afirmada pelas afiliações, patriotismo e nacionalismo da modernidade. Assim, é crescente a demanda por histórias de identidade necessárias para restaurar a segurança, construir a confiança e tornar possível a interação significativa com os outros. Este vazio normativo aberto pela regulamentação estatal trouxe mais liberdade. No entanto, poucos são aqueles que conseguem construir uma comunidade com identidade que lhes dá resistência e poder o que, geralmente é feito através de particularismos ficando confinados em seus próprios “guetos”. Assim, a grande maioria da população verifica-se à mercê do desamparo social (BAUMAN, 1998).

O mal-estar moderno diante da excessiva repressão e escassez de liberdade é transformado no mal-estar contemporâneo de desregulamentação do Estado-nação e onde a liberdade reina soberana. Segundo Bauman (1998:8) o anseio de liberdade é dirigido contra formas e exigências particulares da civilização ou contra a civilização como um todo. Assim a civilização é um compromisso, uma troca continuamente reclamada e para sempre instigada a se renegociar. No entanto, o homem civilizado (moderno) havia “trocado um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança”. Já o homem contemporâneo trocou um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Assim, enquanto os mal-estares da modernidade provinham da segurança que tolerava uma liberdade pequena na busca de felicidade individual, os mal-estares contemporâneos provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.

As políticas de alienação e de exclusão tornam-se cada vez mais incorporadas quando uma minoria ínfima da elite assegura-se na desvalorização de seus bairros vizinhos através da criação de guetos contemporâneos. Enquanto o Estado Moderno clássico estabelecia a ordem, o Estado contemporâneo deixa as tarefas de reprodução de ordem para as forças de mercado desregulamentadas. Esta nova ordem societária global

torna privatizada a responsabilidade pela situação humana, sendo animada e dirigida pelo mercado consumidor. Esse desaparelhamento do Estado para atingir os interesses individuais de segurança cria um hiato: os que podem versus o que desejam. Os que não podem possuir e consumir objetos e adotar estilos de vida tornam-se os consumidores falhos – os excluídos - que ficam à margem da pobreza e da criminalidade (BAUMAN, 1998).

A juventude brasileira sofre igualmente do mal-estar contemporâneo: sendo sua subjetividade e identidade construídas pela indústria cultural (alienante) e pelo mercado consumidor (excludente), ambos regidos pelo mundo adulto e que é ambicionado pelos jovens. A juventude, embora não esteja ainda contemplada nas políticas de previdência e seguridade social assim como o estão as crianças e os pré-adolescentes, os desempregados, os enfermos, os pobres e mais recentemente incluídos, os idosos, torna-se volúvel aos agouros das desigualdades econômicas e sociais do país.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 Definição do *corpus*

A amostra desta investigação compreende dois grupos de jovens moradores de dois diferentes bairros da cidade de Santa Cruz do Sul, com idade entre 13 e 25 anos, num total de sete pesquisados, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. O período da coleta de dados corresponde de maio à outubro de 2005. Aplicamos 01 entrevista por jovem pesquisado. As entrevistas com os jovens do bairro universitário foram realizadas nas dependências da UNISC e as entrevistas com os jovens do bairro Bom Jesus foram realizadas no Centro social da Paróquia Conceição.

Para alcançarmos um de nossos objetivos específicos, optamos num segundo momento da análise por subdividir cada grupo de jovens conforme gênero e status social para que se pudesse alcançar maior proximidade de interpretação à subjetividade produzida em relação aos temas propostos respeitando o jovem em suas diferenças e singularidades. As entrevistas ocorreram, portanto de forma individual e estão estruturadas por pautas tendo questões abertas (roteiro em anexo).

Optou-se por dividir os grupos de jovens em moradores do bairro Bom Jesus, situado ao sul e periferia do município de Santa Cruz do Sul e outro do bairro universitário, situado ao norte do município. Pois estes espaços urbanos conforme estudo sobre a evolução urbana do município pólo regional, realizado em 2002, pelo arquiteto urbanista Ronaldo Wink vêm apresentando diferentes graus de desenvolvimento socioeconômico e uma tendência para o aumento da periferia devido aos fatores de atração e migração: postos de trabalho no ramo industrial e comercial, equipamentos de saúde e de educação.

A escolha pelo grupo de jovens “Unidos pela Paz”, do bairro Bom Jesus, ocorreu por indicação do assessor de Relações Comunitárias da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias - PROEXT, Iuri João Azeredo, o qual já havia feito pesquisas com este público jovem, porém sob outro enfoque. De forma semelhante, o grupo de jovens do Diretório Acadêmico de História (UNISC), do bairro universitário, foi indicado pelo sociólogo e pesquisador do Centro de Pesquisas em Desenvolvimento Regional - CEPEDER, Silvio Marcus de Souza Correa.

Optou-se, portanto pela escolha de grupos de jovens previamente formados devido a dificuldade que se teria em reunir jovens aleatoriamente³. Vale inferir que o grupo de jovens do Diretório Acadêmico do Curso de História, utiliza esta sede para se reunirem, entretanto o grupo é constituído de alunos provindos de diversos cursos (comunicação social, filosofia, psicologia, ciências sociais e história).

Para efeitos de delimitação dos sujeitos, ambos grupos constituem-se de jovens com idades entre 13 e 25 anos, estudantes e urbanos. Estas características têm sido usadas freqüentemente no Brasil em estudos⁴ com jovens vulneráveis à exclusão socioeconômica incidindo no aumento do índice de violência urbana. No entanto, considerando o direito à alteridade, a diferença e a singularidade assegurados em nossa constituição, cada um dos 7 jovens pesquisados apresentou sua subjetividade (o modo como sente, pensa, reflete suas experiências e como se projeta no futuro) e os sentidos produzidos em relação aos temas lançados nas entrevistas sem que houvessem danos à sua integridade.

³ O procedimento de delimitar a unidade-caso não constitui tarefa simples. Primeiro porque é difícil traçar os limites de um objeto. A totalidade de um objeto, quer físico, biológico ou social, é uma construção intelectual. Não existem limites concretos na definição de qualquer processo ou objeto. (...) O grupo de trabalho (...) é uma construção que é definida à medida que se torna útil para a pesquisa. Ademais, alguns autores recomendam o uso de uma variedade de casos sendo estes não selecionados por critérios estatísticos. (GIL, 2002, p.121)

⁴ Mapa da Violência III, Altas da Exclusão Social no Brasil, UNESCO.

Nesses termos, as estratégias (técnicas) utilizadas nesta investigação científica para a visualização do processo de pesquisa correspondem a entrevistas, diário de campo e mapa de associação de idéias.

Os dados coletados para esta pesquisa foram mantidos conforme as informações prestadas pelos entrevistados, exceto seus nomes que são fictícios, conforme o contrato de sigilo previsto no *rapport* inicial do roteiro da entrevista. Afinal, todos os procedimentos utilizados na pesquisa contribuíram para garantir a confiabilidade e a legitimidade dos resultados/interpretações aqui apresentados. O material e os dados coletados foram manuseados apenas pela responsável pela pesquisa e por sua orientadora sendo posteriormente deletados e incinerados para que não houvesse possibilidade de má interpretação ou uso por terceiros, garantindo assim a integridade dos jovens entrevistados. Todos os dados desta pesquisa foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Ambas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para garantir maior rigor ao processo de análise sob a perspectiva construcionista segundo a proposta de Spink e Lima (2000), que acreditam que o processo de interpretação deve ter visibilidade para que ocorra sucesso na comunicação dos resultados

A seguir apresentaremos a caracterização dos participantes e também a sustentação teórica dos pressupostos teórico-metodológicos escolhidos para esta investigação científica.

2.2 Caracterização dos sujeitos - o universo pesquisado

A pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2000), trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que tratam, portanto, de um *continuum* intuitivo, explorativo e subjetivo das ações e das relações humanas. Sendo que é através da apropriação da linguagem, enquanto objeto, que se pode chegar a uma compreensão da realidade. Para esta autora, o método qualitativo possibilita estudar dados como valores e crenças, a exemplo da subjetividade, desde que esta fundamente o sentido da vida social. Desta forma pensamos essencial ir além da apresentação do conteúdo das entrevistas e caracterizar os dois grupos de jovens investigados através de dados obtidos com as observações à campo e na confecção do diário de campo. Assim, nosso universo pesquisado consiste no grupo de jovens Unidos pela Paz e no grupo de jovens do Diretório Acadêmico do curso de História, ambos com idades entre 13 e 25 anos, estudantes e urbanos.

2.2.1 Bairro bom Jesus - grupo de jovens unidos pela paz

O grupo de jovens “Unidos pela Paz” existe há dez anos e surgiu como iniciativa do Plano Diocesano de Pastoral, da Paróquia Conceição, com o propósito primeiro da evangelização de adolescentes e jovens dos bairros Bom Jesus e Senai para que formassem uma equipe de liturgia. Entretanto, o grupo vinculou-se à “Rede em busca pela Paz” e à Pastoral da Juventude. Assim, atua na comunidade como agente social da paz. A maioria dos jovens que compõe o grupo são moradores do bairro Bom Jesus e só podem ter ingresso no grupo após os 13 anos de idade, sendo que em sua maioria, após os 18 anos (e a conclusão do ensino médio) acabam se desligando por não conseguirem conciliar os horários com o trabalho remunerado, e aqueles que conseguem, participam esporadicamente dos encontros e das atividades. O grupo tem o envolvimento de rapazes e moças, mas não escapa do estereótipo social que dita o feminino como soberano das questões sociais ligadas à saúde e à educação. Dentre os 14 integrantes do

grupo, 09 são moças e 05 são rapazes. Ambos com idades entre 13 anos e 18 anos, apenas 02 rapazes apresentam idades maiores, um com 23 anos e outro com 27 anos. Em relação à etnia, o grupo é misto, embora a maioria seja branca. A maioria frequenta a escola local, estando a caminho da conclusão do ensino médio, exceto um jovem que ingressou recentemente no ensino superior.

O grupo de jovens “Unidos pela Paz” é coordenado por uma líder comunitária, que se diz a “segunda mãe” destes jovens. É um grupo vinculado, portanto a uma instituição religiosa e que tem características peculiares em decorrência disso. Há, por exemplo, critérios para a integração no grupo, como assiduidade às missas e aos programas comunitários (como servir o Sopão da Solidariedade aos domingos), bem como bom rendimento escolar e comportamento “ajustado” (sem uso de drogas, roubo e prostituição). Embora a líder comunitária tenha mencionado “*que não há critérios para ingressar ao grupo, mas é difícil um jovem com “problemas” fazer parte de um grupo em que o objetivo é agir pela paz*” (SIC). Além disso, em todo seu discurso sobre a história do grupo, a líder comunitária enfatizava um certo *status* aos jovens que participam do grupo, como se fossem “modelo” para a comunidade local. Parece, portanto constituir um grupo pouco voltado para a diversidade das singularidades, afinal não são todos os jovens do bairro que podem participar.

O bairro Bom Jesus está situado geograficamente na região sudoeste do município de Santa Cruz do Sul, em direção às margens da BR 471 e é considerado o bairro mais violento da cidade, conforme citado na *Gazeta do Sul*, jornal de maior circulação da região do Vale do Rio Pardo. Além da paróquia Conceição, o bairro abriga um posto de saúde, um asilo para idosos, uma escola estadual, uma creche municipal e uma instituição com crianças para adoção (COPAME). Apesar de aparente desenvolvimento de sua estrutura urbana, o bairro apresenta poucos indícios de qualidade de vida devido aos altos índices de pobreza, violência e criminalidade. É frequentemente o lócus dos estudantes universitários interessados em conhecer esta realidade (parece mais um laboratório), mas seu desenvolvimento não está na pauta da

agenda política local. A verdade é que o Bom Jesus é um dos bairros que abriga os “forasteiros”, aqueles que vieram em busca de melhores oportunidades de emprego e ensino e que “não encontraram lugar” nos demais bairros da cidade. Ficam ali porque é próximo ao complexo fumageiro, um dos fatores de atração do município, mas que proporciona empregos temporários e de baixos salários para aqueles pouco qualificados.

As entrevistas com os jovens do bairro Bom Jesus ocorreram de forma individual, numa sala que fica no Centro Social da paróquia Conceição. O horário das entrevistas era geralmente marcado com antecedência (via telefônica) desde que coincidissem com o dia de reunião do grupo de jovens “Unidos pela Paz”. Isto, muitas vezes foi empecilho para a pesquisa, pois não foram poucas as vezes que o grupo decidia adiar ou cancelar os encontros, postergando assim a etapa da coleta de dados. Além disso, havia sempre o monitoramento da líder comunitária, sempre muito interessada nas falas dos jovens, desafiando as exigências éticas em manter o contrato de sigilo com os entrevistados. Entretanto suas intervenções foram enriquecedoras para o diário de campo.

2.2.2 Bairro universitário - grupo de jovens do diretório acadêmico do curso de história

O grupo de jovens que compõe o Diretório Acadêmico do Curso de História da Universidade de Santa Cruz do Sul é bastante heterogêneo e reconhecido por seu poder de militância ao movimento estudantil nacional. Entretanto, acredita estar perdendo forças diante da captação da juventude local que prioriza o entretenimento juvenil às questões políticas. Atualmente estão integrados ao grupo, jovens com idades entre 19 e 37 anos e que são acadêmicos de diversos cursos. Possuem uma chapa eleitoral para concorrerem à direção do Diretório Central dos Estudantes – DCE, da universidade em

questão. E estão bastante empenhados nesta tarefa, ao ponto de não se mostrarem muito disponível às entrevistas. Além da militância ao movimento estudantil, este grupo também é bastante conhecido por sua unicidade, afinal são freqüentes os encontros de integração entre os estudantes de diferentes cursos nas dependências do Diretório Acadêmico de História, mesmo existindo um prédio específico para o entretenimento dos alunos no Diretório Central dos Estudantes - DCE.

O bairro universitário situa-se na região norte do município de Santa Cruz do Sul, às margens tanto da BR 471 como da RS 287. É um bairro misto, pois faz divisa com o bairro Cohab por um lado e por outro lado com os bairros de classe B e C (Classe média e média alta), Verena e Jardim. Aliás, o Costa Norte, um condomínio da classe A, situa-se ao lado do campus universitário. Apesar de situar-se ao lado oposto do bairro Bom Jesus, o bairro Universitário fica muito próximo ao centro da cidade e apresenta, portanto, uma considerável estrutura urbana. Além do próprio campus universitário e de escola particular possui prédios e condôminos fechados, ginásio de esportes municipal, farmácias, padarias, lojas, supermercados e inclusive shopping center com salas de cinema. Contudo, a maior parte dos habitantes do bairro parecem ser também os forasteiros, sobretudo, aqueles que vieram ao município para qualificarem-se ou para trabalharem na universidade.

As entrevistas com os jovens do bairro Universitário ocorreram em dois locais do campus universitário: sala de estudos da biblioteca central e secretaria do Diretório Central de Estudantes – DCE, o que facilitou sua aplicação. A dificuldade recaiu sob o agendamento das entrevistas (via telefônica) que coincidiam com períodos de provas e trabalhos acadêmicos e também com reuniões e excursões para o movimento estudantil, já que este é um grupo de jovens militante deste movimento. Além disso, houve a necessidade de reagendamentos devido a alguns “esquecimentos” por parte de alguns jovens.

2.3 Pressupostos teórico-metodológicos

O método não representa tão somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permita interpretar com maior coerência e correção possíveis as questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador.

(OLIVEIRA, 1998, p.18)

A perspectiva abraçada neste estudo é em decorrência de um olhar holístico que preconiza a diversidade e a integralidade da realidade a ser captada, onde a linguagem em uso e a produção de sentidos acontecem. As questões de pesquisa estão, portanto, entendidas a partir do cotidiano dos jovens entrevistados.

É sabido que procurar a metodologia adequada para reconstruir o significado da realidade a ser compreendida continua sendo um desafio para as Ciências Sociais e Humanas. Entretanto, por ser a metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ocupa uma posição de destaque as questões teóricas importantes para uma pesquisa científica. Neste estudo, prioriza-se uma abordagem lógico-metodológica de cunho qualitativo, a análise das práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano sob a perspectiva construcionista e fenomenológica. Pretende-se deste modo uma maior compreensão das falas (linguagem em uso) e da produção de sentidos dos jovens entrevistados perante os temas da juventude, do mal-estar, dos processos de inclusão e exclusão social e do desenvolvimento regional.

2.3.1 Natureza de pesquisa

Ao tratarmos da produção de subjetividade humana, organizamos este estudo de maneira a contemplar uma abordagem qualitativa como natureza de pesquisa científica,

não generalizando, portanto, os resultados. Pois se pretende capturar os dados sobre as percepções dos jovens através de um processo de profunda atenção, de compreensão empática. Desta forma pensamos essencial analisar as formas que os jovens selecionados compreendem, narram, atuam e manejam suas situações cotidianas. O intuito é compreender sua experiência cotidiana e não explicá-la.

Além disso, apostamos numa abordagem onde o uso da dimensão “pessoa” evita a dicotomia sujeito-objeto ou indivíduo-sociedade, pois remete ao caráter relacional. Afinal, “A pessoa, no jogo das relações sociais, está inserida num constante processo de negociação, desenvolvendo trocas simbólicas, um espaço de intersubjetividade ou, mais precisamente, de interpessoalidade”. (SPINK e MEDRADO, 1999, p.55) É desta forma que a perspectiva construcionista enquanto pesquisa qualitativa redefine o conceito de objetividade enquanto requisito de cientificidade, entendendo-a como visibilidade do processo de investigação, que é intersubjetivo e dialógico.

A pesquisa qualitativa, como já citada anteriormente, conforme Minayo (2000), trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que tratam, portanto, de um *continuum* intuitivo, explorativo e subjetivo das ações e das relações humanas. Sendo que é através da apropriação da linguagem, enquanto objeto, que se pode chegar a uma compreensão da realidade. Para esta autora, o método qualitativo possibilita estudar dados como valores e crenças, a exemplo da subjetividade, desde que esta fundamente o sentido da vida social.

Dentro deste contexto, a abordagem qualitativa pressupõe a fenomenologia, defendendo que o mundo social (pesquisador) busca compreender os sistemas de significados utilizados por um grupo ou uma sociedade. Disto tudo se compreende a necessidade do pesquisador em adotar o instrumento de pesquisa adequado às suas exigências. Assim, a escolha da técnica de investigação envolve um processo de

reflexão e compromisso ao pesquisador com um conjunto de princípios filosóficos (BAQUERO, 1995).

Apesar do relativo avanço, a produção do conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais, segundo Baquero (1995), tem enfrentado críticas por parte dos legisladores devido aos resultados “não visíveis” provindo das investigações cuja natureza corresponde aos aspectos político, educacional, psicológico, antropológico, filosófico. Isto tem gerado na escassez de investimentos e, portanto, um efeito negativo ao avanço das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A problemática destas áreas, para este autor, é que elas representam para os investimentos um alto custo, ou seja, não são vistas como economicamente rentáveis. Embora haja pouco investimento e apoio à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, há que se considerar como, também, problemática, sua própria forma de produção científica.

Eis que uma proposta de trabalho que contemple a natureza qualitativa de uma investigação científica baseada numa perspectiva construcionista e fenomenológica poderia contribuir para avanços nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. E, também, para suscitar um novo modelo de desenvolvimento político e econômico que considere as questões sociais e a qualidade de vida da população em geral e principalmente que invista em pesquisas com seres humanos.

2.3.2 Perspectiva Construcionista

A abordagem teórico-metodológica deste estudo está fundamentada na produção de sentidos no cotidiano através de uma perspectiva construcionista aliada a uma perspectiva fenomenológica.

De acordo com a perspectiva construcionista, sujeito e objeto são construções sócio-históricas, onde não existe sujeito separado da realidade. A realidade é aquela que o sujeito significa, sendo o sujeito aquele que dá significados para a realidade. Os sentidos, então, possuem inscrições históricas que contextualizam o seu significado. Assim, para compreender como os sentidos circulam na sociedade, é necessário considerar as interfaces entre o tempo longo e o tempo curto, o tempo vivido e o tempo curto, nos quais se processa a produção de sentidos. Afinal, o contexto da produção de sentidos tem um caráter sócio-histórico e cultural que se inscreve em um determinado fenômeno social.

Desta forma pensamos que ao questionar os jovens dos bairros Bom Jesus e Universitário sobre sua realidade já estamos contribuindo para que construam novos sentidos ao seu cotidiano, ou pelo menos que reflitam sobre sua realidade. Em sua linguagem do cotidiano é que podemos analisar a forma como estão se percebendo e como estão construindo sua subjetividade.

O uso do termo construcionismo difere do termo construtivismo. Conforme Spink e Medrado (1999) no construcionismo a própria noção de indivíduo é entendida como uma construção social e não se refere a centralidade do sujeito nos processos cognitivos. Ao delimitarmos esta diferenciação estaríamos evitando confusões conceituais em relação a epistemologia genética. Para estes autores, o construcionismo social busca identificar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e/ou compreendem o mundo em que vivem, incluindo elas próprias. Afinal, a produção de sentidos é entendida como uma prática social. Assim, ao analisarmos as falas dos jovens entrevistados, estamos compreendendo o mundo em que vivem.

2.3.3 Práticas Discursivas

As práticas discursivas enquanto proposta teórica busca “situar a produção de sentidos como forma de conhecimento que se filia à perspectiva construcionista e situar as práticas discursivas dentre as várias correntes voltadas ao estudo da linguagem”. (SPINK e FREZA, 2000, p.17) Assim, o foco sobre as praticas discursivas faz com que se privilegie a diversidade da linguagem em uso. Além da conversa (vozes), as práticas discursivas têm como elementos constitutivos a dinâmica, ou seja, os enunciados orientados por vozes; as formas, que são os *speech genres*⁵; e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos. (SPINK E MEDRADO, 2000) Estes proporcionariam à análise uma leitura mais próxima a realidade dos jovens entrevistados.

A idéia de dar sentido⁶ ao mundo que recobre a Psicologia é uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade, desde que o olhar recaia sobre a não-regularidade e sobre a polissemia (diversidade) das práticas discursivas. Esta é, portanto uma abordagem que requer natureza qualitativa, pois capta os aspectos subjetivos produzidos pelos pesquisados. Além disto, esta concepção considera o caráter histórico do objeto investigado e pressupõe uma compreensão mais completa da realidade apreendida.

O termo práticas discursivas remete aos momentos de ressignificações, de rupturas do discurso, onde irá operar a produção de sentidos relacionados aos momentos ativos do uso da linguagem. E esta, segundo a perspectiva Bakhtianiana é, por definição uma prática social. Considerando a linguagem uma prática social, vale inferir que as práticas discursivas enquanto linguagem em ação podem ser compreendidas como as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. (SPINK e MEDRADO, 2000, p.45)

⁵ O termo *speech genres* ou gêneros de fala são as formas mais ou menos estáveis de enunciados, a fim de dar coerência ao contexto, ao tempo e aos interlocutores. (SPINK e MEDRADO, 2000, p.45)

⁶ O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio da qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. (SPINK e MEDRADO, 2002, p.41)

Vale inferir que há uma distinção entre discurso e práticas discursivas. O discurso é uma linguagem social e as práticas discursivas são definidas como linguagem em ação, um meio em que as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que estabelecem no cotidiano. Assim, a construção identitária (cultural) depende das posições que estão disponíveis nas práticas discursivas. Estas se evidenciam, então, como possibilidade de conhecer aspectos da realidade.

2.3.4 Estratégias de pesquisa

Ao procurar uma leitura mais próxima a realidade destes jovens optou-se por utilizar a conversa como fonte de informação. Esta opção pelas conversas do cotidiano pressupõe a dialogia, a qual é marcada pela linguagem e, portanto, expressões dos contextos interacionais do dia-a-dia.

Parte-se do pressuposto de que as pessoas ao falar e se relacionar umas com as outras, também oferecem explicações sobre o que lhes acontece e sobre os processos sociais. Assim, pensamos estar atribuindo dignidade àquilo que as pessoas fazem em seu cotidiano. Sendo que a matéria-prima de nosso trabalho é, portanto, ver na ação cotidiana o verdadeiro sentido das ações dos jovens deste estudo. Assim, a fala se faz nosso objeto de análise, pois é através dela que entramos em contato com as ações dos indivíduos pesquisados. (IÑIGUEZ, 2000)

De acordo com Pinheiro (2000, p.183) a Psicologia, enquanto ciência social, tem utilizado a entrevista na sua prática profissional e, também, em pesquisas. Este instrumento permite uma relação entre os objetivos do investigador e os pressupostos teóricos a serem utilizados na interpretação e análise dos dados. Assim, as falas são “captadas” através das entrevistas.

A entrevista como prática discursiva compreende a ação situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade. A entrevista como prática discursiva parte de um referencial metodológico construcionista onde as práticas discursivas são como as diferentes maneiras em que as pessoas, através dos discursos, ativamente produzem realidades psicológicas e sociais. (DAVIS e HARRÉ apud SPINK, 2000)

Conforme Spink e Medrado (2000, p.45), no momento da entrevista as perguntas tendem a focalizar temas que, para os entrevistados, talvez nunca tenham sido alvo de reflexão, podendo gerar práticas discursivas diversas, não diretamente associadas ao tema originalmente proposto, mas nem por isso deixando de produzirem sentidos em relação a esse.

2.3.4.1 Técnicas complementares

Conforme Lima e Spink (2000), as formas de análise tendo como foco o processo de produção de sentidos têm buscado trabalhar a dialogia implícita na produção de sentidos e o encadeamento da associação de idéias. Assim, optamos pelo mapa de associação de idéias como uma das técnicas complementares às entrevistas.

O Mapa de Associação de Idéias, segundo estes autores, tem a função de fazer aflorar os sentidos produzidos nas entrevistas e também de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas, dando subsídios ao processo de interpretação e facilitando a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo. Porém, os mapas não são técnicas fechadas, pois compreendem um processo interativo entre a análise dos conteúdos e a elaboração das categorias (relacionadas diretamente ao objetivo da investigação e aos repertórios disponíveis). Pensando desta forma mais aberta, a construção dos mapas foi necessária para facilitar o processo de análise das

entrevistas. Além dos mapas, o fato da própria pesquisadora responsável aplicar e transcrever as entrevistas também contribuiu para a eficácia da análise.

Considerando que a entrevista foi subdividida em blocos (juventude - Questão A, participação – Questão B, município de Santa Cruz do Sul – Questão C, e perspectivas de futuro – Questão D) e sub-blocos (por exemplo: a juventude; foi sempre assim?), a primeira coluna - *objetos* - serve de marcador para a introdução de cada novo bloco associativo. A primeira coluna está reservada às perguntas que inauguram blocos associativos e às sínteses que os encerram.

Na segunda coluna denominada *primeiras associações*, são colocadas apenas as respostas à pergunta efetuada na primeira coluna. Compreende, portanto, tanto as associações do entrevistado, como as do entrevistador. Esta coluna constitui o principal apoio para a busca dos repertórios disponíveis para falar sobre juventude, participação, o município de Santa Cruz do Sul, e perspectivas de futuro.

A terceira coluna, mais densa, engloba todas as explicações e esclarecimentos sobre o sentido das associações constantes da segunda coluna: engloba, assim, as explicitações do conteúdo das associações, incluindo os pedidos de esclarecimento feitos pela entrevistadora. Reitera-se que as colunas retratam sempre a sequencialidade e dialogia, podendo englobar falas do entrevistado e da entrevistadora.

E, na quarta coluna, denominada de *qualificadores* estão as falas que explicitam a tonalidade afetiva das associações: emoções, sentimentos e valores. Estão colocadas também as figuras de linguagem que podem servir de subsídio para a compreensão da ruptura cognitiva/emocional que determinadas perguntas e intervenções da entrevistadora geram no entrevistado (e vice-versa).

As colunas foram criadas de acordo com as categorias gerais, que compreendem: Juventude, participação, Santa Cruz do Sul e Futuro e, de acordo com a definição das categorias temáticas estão estruturadas da seguinte forma: Conceito e formação de identidade, Exclusão Social – não participação, Desenvolvimento Regional (a partir de seu município e bairro), Planejamento de vida pessoal e profissional. Assim, a leitura da coluna vertical possibilitou a leitura dos repertórios, enquanto a horizontal permitiu a compreensão da dialogia. Estes são passos importantes para o processo de análise que iniciou com o registro das falas e com sua contextualização (local e integrantes).

Além do uso de mapa de associação de idéias, encontramos na pesquisa bibliográfica e no diário de campo a complementaridade necessária para interpretar e analisar de forma mais sistemática o conteúdo das entrevistas. A pesquisa bibliográfica (constituída por livros, trabalhos e artigos científicos publicados sobre os temas relevantes a esta investigação) tem por objetivo “(...) permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 1995, p.71). Já o diário de campo é considerado um instrumento básico de registro de dados do pesquisador que visa subsidiar a análise dos dados coletados nas entrevistas. Este instrumento deve conter de forma detalhada e fiel cada visita a campo acompanhando um apontamento cronológico das atividades. Portanto, ambas constituem parte complementar ao caminho metodológico visando assegurar a eficácia da análise.

Para finalizar este capítulo vale inferir que a confiabilidade e legitimidade de uma pesquisa empírica realizada nesse modelo dependem, fundamentalmente, da capacidade de o pesquisador articular teoria e empiria em torno de um objeto, questão ou problema de pesquisa. Isso demanda esforço, leitura e experiência e implica incorporar referências teórico-metodológicas de tal maneira que se tornem lentes a dirigir o olhar, ferramentas invisíveis a captar sinais, recolher indícios, descrever práticas, atribuir sentido a gestos e palavras, entrelaçando fontes teóricas e materiais empíricos como quem tece uma teia de diferentes matizes. Tal é a aventura da pesquisa científica. (DUARTE, 2004).

Em relação à utilização de recursos para este trabalho de pesquisa vale lembrar que o cálculo dos custos de pessoal e material não precisou ser exposto, pois a própria pesquisadora foi responsável pelo planejamento da pesquisa, bem como pela coleta de dados, pela análise (e interpretação) e, também, pela apresentação dos resultados.

3 JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

3.1 Breve histórico do contexto social, econômico e educacional de Santa Cruz do Sul: conhecendo a capital regional do Vale do Rio Pardo

Com uma população de 107.632 habitantes, o município de Santa Cruz do Sul, está localizado no Vale do Rio Pardo, região centro-oriental do Rio Grande do Sul, à aproximadamente 150 km da capital gaúcha, em uma área de 733 km² e densidade demográfica de 174.6 hab\km².

Tendo conquistado sua autonomia em 1878, o município, assim como a maioria dos municípios da região, teve sua ocupação territorial provinda de índios Caingangues, sendo colonizada por lusos, açorianos, negros e por último, a partir de 1849, a colonização por imigrantes alemães. Seu contingente humano contava com famílias de imigrantes alemães, em sua maioria agricultores. A estrutura fundiária da região do Vale do Rio Pardo é, portanto, representada por pequenas propriedades (menos de 100 ha) com a predominância da agricultura familiar. Em 1849, o tabaco já havia despontado como principal mercadoria regional alavancando o processo local de desenvolvimento sócio-econômico. Nas primeiras décadas do século XX é estabelecido um setor industrial fumageiro cuja atuação do capital internacional torna a economia fumageira a espinha dorsal da região. Após a década de 1970 esta internacionalização se consolida e o complexo fumageiro passa a assumir a atual configuração. O complexo fumageiro atua oligopolicamente na região, pois controla a produção e comercialização da mercadoria tabaco e funciona como uma cadeia agroindustrial que tornou o Vale do Rio Pardo dependente do fumo. (Etges, 1991) Este movimento industrial do tabaco atraiu um grande número de migrantes aumentando o fluxo intra-regional que contribuiu para o desenvolvimento da periferia da cidade.

A urbanização trouxe ao município uma população urbana de 84%. Tanto o setor industrial fumageiro como a instituição de ensino superior que tornou-se Universidade em 1994 tornaram-se fatores de atração – *pull factors* - para aqueles que buscam por melhores condições de vida. Além do mais o município apresenta um dos melhores índices de PIB e IDH do estado sul-rio-grandense. A evolução do município tornou-o ponto de destino da migração regional.

Os aspectos culturais indicam um dos melhores índices de instituições escolares. O número de escolas estaduais (8) e particulares (4) de ensino médio são os mais elevados da região. Mas, do total da população alfabetizada, 4,4% ainda não aprendeu a ler e escrever. Dos 19.145 jovens do município, 4.727 estão matriculados no ensino médio (Censo, 2000).

O índice de violência criminal é um dos mais elevados na região e pode estar relacionado ao fenômeno da urbanização, pois o município possui Brigada Militar, Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal e Estadual e Corpo de Bombeiros. E, apesar de todo este aparato organizacional os índices de criminalidade e violência vêm subindo.

As propostas de trabalho conjunto entre governo local e governo estadual para se construir soluções para os problemas básicos da sociedade pelo caminho da democracia e da participação popular têm sido fruto da experiência dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul – COREDES, como a Agenda 21 Regional do Vale do Rio Pardo que visa a ampliação dos espaços públicos não estatais a fim de republicizá-los⁷.

⁷ O esforço de reduzir a desigualdade passa, portanto, por uma redefinição do espaço público para além das fronteiras estatais. De forma isolada, nem Estado, nem setor privado, nem sociedade civil têm a capacidade de resolver os problemas que estão postos para a sociedade brasileira como um todo. (POCHMANN, 2003)

No ano de 2002 foram realizados trabalhos junto com a comunidade regional, cuja oficina de Santa Cruz do Sul apontou como principais problemas para redução da desigualdade social no município, a falta de integração das Políticas Públicas, a falta de escolas de ensino médio no meio rural, a falta de escolas profissionalizantes, a insuficiência de espaços de lazer, o despreparo dos profissionais em relação à educação ambiental, o analfabetismo, a descontinuidade de políticas e programas sociais, a insuficiência de recursos financeiros e informações de políticas sociais e a oferta insuficiente na educação infantil. (Agenda 21, 2003)

3.2 Preocupações juvenis em Santa Cruz do Sul: desigualdade social, violência e trabalho

De acordo com o *Atlas da Exclusão Social no Brasil*, parte da população brasileira (25%) vive em condições precárias, com baixa renda, sem emprego formal e baixo acesso à educação. Dos 5.507 municípios brasileiros, 42% estão em situação de exclusão social e apenas 200 apresentam padrão de vida adequado. O índice de exclusão social da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, está entre os dez melhores do Brasil, trazendo ao estado um *status* privilegiado diante o cenário nacional. Entretanto, as disparidades entre as regiões do estado não podem ser espelhadas nestes dados. Pois, como já se afirmou, anteriormente, o crescimento econômico não é o único indicador do desenvolvimento de uma região. A Agenda 21 do Vale do Rio Pardo (2003) nos indicou que o município de Santa Cruz do Sul experimentou um tipo de desenvolvimento urbano diferenciado daquele das metrópoles. Pois, possui características de uma cidade de médio porte, cuja colonização recente (séc. XIX) estabeleceu padrões produtivos e construtivos compatíveis com suas experiências de origem tem, portanto, um ritmo de desenvolvimento diferenciado das demais regiões brasileiras. Apesar deste diferencial, o município tem apresentado índices sociais tão preocupantes quanto o restante do país. A problemática está justamente no ponto de atração de jovens desqualificados para o mercado de trabalho e para a crescente violência urbana.

Em 1996, o filósofo e cientista político santa-cruzense, João Pedro Schmidt, já havia mencionado em um estudo feito com jovens da região dos Vales do Rio Pardo e Taquari que uma acentuada migração dos jovens estava ocorrendo para os centros urbanos. Sendo Santa Cruz do Sul a cidade pólo da região do Vale do Rio Pardo e capital nacional do fumo, tornando-se atraente para grande parte deste contingente humano. Este fluxo intra-regional⁸ é perceptível ainda hoje, e contribui para grande parte da urbanização da periferia da cidade, onde muitos dos jovens migrantes encontram-se alojados. Esta urbanização pode ter contribuído para uma crescente nos índices de violência e para a precariedade de qualidade de vida da população local. (Agenda 21, 2003)

Neste estudo dos anos 1990⁹, a maioria dos jovens secundaristas destas regiões (60%) não estava empregada, estando aqueles da Classe E (bem pobres) praticamente ausentes das escolas de ensino médio, em contrapartida aos jovens da Classe B (classe média alta). No entanto, apontou-se com unanimidade a importância da escola por motivos que envolvem desde a formação profissional como a formação cultural, formação espiritual e formação para a vida. A desigualdade social era o tema que preocupava a maioria destes jovens (88%), os quais a atribuíam a razões de ordem econômica-política associadas à riqueza e a pobreza. Porém, os males sociais eram por eles atribuídos, grosso modo, à desigualdade social, à discriminação e ao preconceito e também à corrupção política. O item violência (e segurança) não era uma preocupação significativa na época, diferentemente da juventude contemporânea.

A preocupação com o tema da violência vêm crescendo ao longo dos anos, não somente pelo público jovem, mas pelo total da população santa-cruzense. Segundo dados da pesquisa de SCHABBACH & TIRELLI, realizada pelo Núcleo de Pesquisa Social (NUPES), da UNISC, na cidade de Santa Cruz do Sul, no período de 1998 a

⁸ A mobilidade espacial intra-regional intensificou-se nos últimos anos apontando uma concentração populacional em Santa Cruz do Sul, única cidade de porte médio da região. (CORREA, 2003)

⁹ O que pensam os jovens, hoje: imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari. (SCHMIDT, 1996)

2001, a preocupação com a violência passou de 9,42% para 25,76%, tornando-se o segundo problema mais citado pelos santa-cruzenses em 2001, vindo logo após a questão da redução dos postos de trabalho.

O aumento da violência e da criminalidade no município é perceptível pelo índice de violência contra a pessoa, anunciado em 2001, pela Secretaria Estadual da Justiça e Segurança. Segundo estes dados, o número de crimes cometidos na cidade de Santa Cruz do Sul chegaram a 1.150, um dos maiores da região. Estudos apontam que esta criminalidade e violência é em grande parte um fenômeno urbano, associado às características e problemas da vida das cidades. (Agenda 21, 2003:94)

A vida dos jovens que vêm para o município em busca de oportunidades de trabalho não necessariamente tem melhorado suas condições de vida. Pois, desqualificados profissionalmente não atendem a demanda de vagas do município¹⁰. Isto tem gerado tanto um aumento populacional suburbano, quanto um grande número de jovens inativos e sem qualificação e, portanto, fadados à pobreza, à vulnerabilidade social. É sabido que a maioria destes jovens não retorna para seu município de origem, permanecendo em condições precárias na cidade pólo regional. Estes jovens, em sua maioria, são oriundos de municípios cuja economia depende da agricultura familiar, mas que ocorre longe dos avanços da tecnologia e distantes de uma instituição de ensino formal ou profissional. São estes jovens (dos bairros pobres) que estão fora do sistema escolar que estão, particularmente, expostos aos riscos da violência. E, podem ser considerados, portanto, grupos de risco. Pois, como menciona o antropólogo Rubem César Fernandes (2004:261) “não que a pobreza, em si, seja causa de violência. As

¹⁰ De acordo com Romeo Solf, coordenador da agência local, a queda no emprego em Santa Cruz do Sul parece estar diretamente ligada à falta de uma maior qualificação profissional. Pelo menos é isso que se verifica nos dados do Sistema Nacional de Emprego (Sine). Ao longo dos últimos três anos e meio, 7.159 oportunidades de trabalho foram disponibilizadas na agência regional, mas apenas 4.115 acabaram preenchidas. Ou seja, 57,48% do total. Durante o mesmo período, 15.797 pessoas se deslocaram até a sede do Sine em busca de emprego. A carência de mão-de-obra qualificada é resultado de dois fatores. Um deles é o constante avanço tecnológico do setor industrial, que não é acompanhado por aqueles que buscam uma vaga. O outro está relacionado às maiores exigências dos empregadores. (Jornal Gazeta do Sul, 19/09/2004)

áreas mais pobres do país são, em regra, menos violentas que as regiões metropolitanas, onde as oportunidades de renda, legal e ilegal, se concentram. É que os bairros pobres são mais vulneráveis as externalidades geradoras de violência”.

Nestes termos, um bairro de periferia como o Bom Jesus apresenta *per si* características peculiares a sua vulnerabilidade social, já o bairro universitário, por ser um bairro em crescimento apresenta características semelhantes às vulnerabilidades sociais de grandes metrópoles. Desta forma é pertinente a preocupação para com a violência por parte de ambos jovens moradores destes bairros, inclusive com a violência em forma de hostilidade e dificuldade de integração social. Fato que torna ambos jovens deste estudo vulneráveis socialmente.

A exposição aos riscos de diversas naturezas (social, econômica, política, cultural) da juventude local pesquisada nos remete a atualidade da assertiva sobre o mal-estar, em especial, pelo sentimento de desamparo social. A dificuldade de integração social destes jovens ao município pode representar uma forma cultural local de manifestação do mal-estar.

3.3 Desenvolvimento regional: uma luz para a vulnerabilidade juvenil

O processo de exclusão social no Brasil do século XX assumiu um novo rumo devido às inovações tecnológicas provindas do processo de industrialização do mundo moderno e do aumento dos grupos contestadores das desigualdades sociais. Desta forma, pode-se pensar que a exclusão compreende “*um processo histórico que acompanha a evolução da humanidade*”. (Pochamnn, 2003) Mas, a realidade brasileira da “exclusão social” está crescendo. Segundo dados da pesquisa do *Atlas da Exclusão Social no Brasil*, após um período de melhora – de 1960 a 1980 – as taxas de exclusão social voltaram a crescer entre 1980 e 2000. (Helfer, 2003)

No Brasil da década de 1990, houve uma implementação de políticas de caráter neoliberal. A competitividade que se estimulou provocou tanto o fechamento de empresas, que não tiveram condições de competir com um mercado mundial aberto, quanto a perda de postos de trabalho, devido à reestruturação produtiva. O intenso nível de informalidade e de desemprego estrutural acirrou-se. A própria reforma do Estado também promoveu o desemprego, a partir dos programas de demissão voluntária, ou do achatamento dos salários dos servidores públicos. O Brasil, assim, que já era um país desigual, foi se tornando ainda mais desigual. Vale lembrar que a estabilidade econômica criada pelo Plano Real não contribuiu para reduzir a pobreza no país. Enquanto em 1995, 33,9% dos brasileiros viviam em situação de pobreza ou indigência, em 1999 esse percentual era de 34,1%. Os dados fazem parte do estudo "Estabilidade Inaceitável, Desigualdade e Pobreza no Brasil", elaborado pelo Instituto de Política Econômica Aplicada (Ipea).

Pode-se dizer que a globalização perversa contribuiu para o aumento da pobreza e da desigualdade social no país. Conforme Stiglitz (2002),

A globalização pode ser uma força muito importante para o crescimento econômico, para ajudar os pobres, e tem sido em certa parte do mundo, em que conseguiram controlar a globalização. Com muita frequência, a globalização não é muito bem administrada, muitas vezes não funcionou em benefício dos países em desenvolvimento e não privilegiou os pobres através do mundo. A globalização, por definição, aumentou o grau de interdependência econômica.

A realidade denotada no Brasil é a de uma dificuldade de autogovernabilidade devido à dependência do capital estrangeiro e, só se pode mudar esse quadro mudando o projeto social, o estilo de desenvolvimento. O Brasil com o processo de redemocratização e com o processo de globalização vem trilhando um caminho de desenvolvimento com avanços e recuos. Esta expansão do modelo democrático de desenvolvimento nos leva a crer *“na promessa de que haverá um país pensando nos seus problemas reais, nos seus problemas sociais”* (Furtado, 2001).

Conforme Milton Santos (1999) a revisão do processo de dependência (econômica) global pode ser o caminho para a construção de uma concepção de desenvolvimento sustentável e, portanto, pós-modernista voltado para a busca da qualidade de vida e não meramente para o progresso econômico.

Sob esta ótica, o Desenvolvimento Regional surge como possibilidade à minimização de desigualdades sociais regionais e, portanto, como fomentador da inclusão social regional. Este alívio ao economicismo vigente traz consigo novas possibilidades de se pensar o desenvolvimento (e não meramente o crescimento econômico) de uma região, em especial a potencialização de seu capital humano e social. Mas, cabe lembrar que esta nova perspectiva de desenvolvimento só se tornou possível após a transição do regime de acumulação fordista para o regime de acumulação flexível com a vinda da “revolução digital”.

Conforme Harvey (1989) a educação, a flexibilidade e a mobilidade geográfica como características do regime de acumulação flexível são difíceis de serem controladas pelo capitalismo e trazem consigo uma nova estética à população: o individualismo exacerbado. Assim, cabendo ao sujeito a responsabilidade pelo sucesso profissional e pessoal, o sentimento de insegurança se torna inevitável diante do desamparo social. Este desamparo social é sentido por toda sociedade, mas parece ter maior impacto sob aqueles denominados inativos economicamente.

Os “inativos” são os desempregados ou aqueles que estão à margem do mercado de trabalho, geralmente os menos qualificados e os que estão submetidos à informalidade ou aos subempregos. Neste cenário está incluída a população jovem, geralmente vista como mão-de-obra barata, devido a sua “inexperiência”. Este primeiro contato dos jovens com o mercado de trabalho (e com o mundo adulto) tem contribuído para que suas subjetividades estejam sendo construídas sob bases precárias de segurança social e voltadas à defesa de si e, portanto, à hostilidade à outrem.

Neste novo cenário o trabalho é “subjetivamente periférico” (Offe, 1989:17) e as pessoas são gerenciadoras solitárias de seu próprio percurso. Desse modo, sua inserção no mercado de trabalho fica prejudicada, em especial por parte daqueles que ainda têm uma formação voltada para a adoção de um posto de trabalho formal, geralmente jovens moradores de subúrbios ou emigrados de comunidades rurais, ambos “subprodutos” de programas de ensino público defasados, voltados para o urbanismo e para o desenvolvimento industrial. Realidade que traz à tona problemas sociais vinculados à cultura como educação e trabalho.

No Brasil, o contingente jovem tem cada vez mais valorizado o ambiente escolar como mostram as pesquisas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, mas também sua inserção no mercado de trabalho. Verifica-se no país um elevado percentual de jovens que não freqüentam a escola e que tão pouco estão empregados. Ambos fenômenos têm sido a preocupação de estudiosos. Esta parcela considerável de jovens fica à margem da sociedade e, portanto vulnerável às conseqüências do processo de exclusão social, econômica e política.

Entretanto, a preocupação com a inserção no mercado de trabalho não é exclusividade de estudiosos das temáticas sociais, o próprio público jovem têm manifestado sua opinião a respeito. Conforme dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania em 2003, a falta de trabalho e renda é um dos piores enfrentamentos de ser jovem, só perde em valoração negativa para a convivência com os riscos como drogas e violência.

É sabido que o trabalho é uma forma de socialização que acontece naturalmente conforme a evolução do ciclo vital. Após ter passado pela família e posteriormente pela escola, o jovem encontra no trabalho uma nova forma de experienciar a vida, de conviver em sociedade, de exercer as dimensões de produção, reprodução e participação. É lícito questionarmos sobre o que resta a construção de sua subjetividade

se o que encontra é a ausência de perspectivas? Além da imprevisibilidade, o jovem conta com bases materiais mínimas de sobrevivência, dada a realidade brasileira de extrema pobreza. Segundo os dados da pesquisa do Projeto Juventude, a grande maioria (42%) dos jovens brasileiros vive em famílias com renda de até dois salários mínimos e outros 31% em famílias com dois a cinco salários mínimos de renda. Esta realidade aponta para a necessidade primária de sobrevivência e não de possibilidades de transformações sociais. Parece que temos uma defasagem nesta etapa de exercício de cidadania plena.

Desta forma parece impossível pensar um jovem protagonizando o desenvolvimento de sua comunidade ou de sua região. Mesmo que as pesquisas apontem para uma juventude que deseja ajudar a mudar o mundo “é preciso antes garantir às famílias um mínimo de renda decente, que permita que os jovens freqüentem escolas e cursos de educação de jovens e adultos para os que precisam trabalhar para sustentar suas famílias”. (Paul Singer, 2005:35) Incluir a juventude na agenda política é algo que está engatinhando em nosso país. Mas, mais preocupante é a falta de engajamento juvenil em algo que possa ajudar sua comunidade.

O Desenvolvimento Regional aparece como uma “luz no fim do túnel” neste cenário de obscuridade juvenil. Pois, entre seus preceitos está a importância da cultura para definir os ritmos de valorização de cada região. Nesta perspectiva cabe a cultura possibilitar desenvolvimento regional e é sua a tarefa de suscitar uma visão melhor da realidade e o desejo de intervir nela como cidadão. São as diferenças culturais, a diversidade natural e a pluralidade ético-ideológica que dão base aos agentes de cada região para que definam como vão interagir entre si e com as relações externas (sociedades estaduais, nacionais, mundiais). Assim, a transformação social, econômica e política podem ter um futuro desejado, dando forma e conteúdo ao processo de desenvolvimento humano e social.

Desta forma, o estudo da cultura juvenil local se coloca como primordial para pensar o desenvolvimento regional. Mas, nem sempre o PIB elevado e o número de escolas e de postos de trabalho é indício de que uma região é desenvolvida ou tem em sua juventude o potencial de seu desenvolvimento. Especialmente se esta juventude sofre do mal-estar contemporâneo que estamos averiguando, deste sentimento de insegurança em que é uma constante a preocupação com a exclusão social.

O aumento da exclusão social no capitalismo contemporâneo não é uma preocupação específica de países em desenvolvimento. Há um movimento global neste sentido, pois está associada a um contexto socioeconômico que engloba tanto a introdução de novas tecnologias poupadoras de mão-de-obra, como relações precárias de trabalho e, ainda a redefinição do papel do Estado. Estas alterações na lógica da produção global têm impacto, também, na esfera individual, modificando padrões e valores.

De acordo com Castel (2004), o desenvolvimento do capitalismo industrial após a Segunda Guerra Mundial trouxe à tona novas clivagens no mundo do trabalho e no mundo social. Além do debilitamento do Estado no *roll* social e da impotência do liberalismo em fundar uma sociedade estável e integrada, delegou-se ao indivíduo uma competência exacerbada pelo sucesso pessoal e profissional e com ela a ameaça permanente do desemprego. Disto emergiu o sentimento de insegurança marcado por um certo ressentimento daqueles que foram deixados de lado por não atenderem as exigências da globalização e por sofrerem “descaso” dos sistemas de proteção coletiva. Muito da rebeldia juvenil não deixa de ser uma reação a esta invisibilidade enquanto cidadão, pois estão em sua maioria subempregados ou “inseridos” no mercado de trabalho de forma informal, diga-se marginal tornando-os vulneráveis à exclusão social.

Afinal, os sistemas de regulação coletiva não dão suporte para aqueles em condição vulnerável, geralmente moradores de bairros pobres e/ou periféricos, que

convivem diariamente com altos índices de desemprego, emprego informal, narcotráfico, delinqüência, etc. O ressentimento aparece como resposta ao mal-estar social que afeta estes grupos. Assim, a presença permanente de jovens inativos se faz pelos índices de práticas delinqüentes, pelas suas “incivilidades”. Todo este cenário apresentado por jovens inativos colabora para o retorno de um espectro de uma “classe perigosa”. Se somarmos este “ressentimento” ao já instaurado mito de que a adolescência é problemática, como construir subjetividades com perspectivas saudáveis de futuro?

Urge a minimização da vulnerabilidade juvenil à exclusão sócio-econômica e esta requer uma nova lógica global democrática, uma verdadeira reconfiguração radical do particular e do universal, da liberdade e da igualdade com diferença. Isto é, um horizonte comum, onde haja maior reconhecimento da diferença e maior igualdade e justiça para todos. Para que esta lógica “funcione”, Stuart Hall cita como necessária a expansão e radicalização das práticas democráticas da vida social. Algo que no Brasil vem sendo trilhado (com avanços e recuos) pela expansão do modelo democrático de desenvolvimento.

Assim, visualiza-se no Desenvolvimento Regional uma porta que possibilita a inclusão social e também, uma mudança social nos padrões de relacionamentos e interrelacionamentos, onde há espaço para um padrão de desenvolvimento coletivo próprio, a fim de diferenciar-se e possibilitar inserções diferenciadas, já que preconiza os fatores endógenos, como o capital social, para o desenvolvimento de uma região.

Com a importância atual das cidades de porte médio para o desenvolvimento regional, Santa Cruz do Sul se apresenta como um campo ideal para estudos sobre os dilemas e impasses do desenvolvimento regional contemporâneo. Sua juventude, por sua vez, tem diante de si um presente marcado por incertezas e desafios e um futuro igualmente incerto e desafiante. Devido à importância dos jovens como atores locais do

desenvolvimento regional no Vale do Rio Pardo (RS), o presente trabalho de pesquisa visou – através do estudo do processo de construção de subjetividade de dois grupos de jovens na referida capital regional – focar o mal-estar no desenvolvimento como algo que, embora seja inerente ao processo de civilização (Freud 1930), pode comprometê-lo quando os atores locais trocam “o quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” (Bauman 1998, p.10). Ou seja, trocam escolhas coletivas por individuais.

4 OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS JUVENTUDES SANTACRUZENSES

Este capítulo versa sobre a análise e a interpretação de dados obtidos nesta pesquisa social. Primeiramente apresentamos os sentidos produzidos pelos dois grupos de jovens selecionados a respeito do entendimento de juventude. Em seguida, abordamos a vivência destes jovens em relação aos processos de inclusão e exclusão social no município de Santa Cruz do Sul e as diferentes formas que expressam o mal-estar. Em seguida, apontamos os sentidos produzidos em relação aos impasses e dilemas do Desenvolvimento Regional. E, para finalizarmos este capítulo, apresentamos as perspectivas de futuro visualizadas pelos jovens entrevistados.

4.1 O entendimento de juventude

A juventude é uma formação cultural, um mito inventado no começo do século 20, que vingou após a Segunda Grande Guerra, tornando-se, na contemporaneidade, uma poderosa ditadora do ideal social por encarnar o tão almejado sonho de liberdade. Assim a conduta jovem como objeto de imitação, como um ideal social fica fácil de ser pensada. Além disso, as mudanças culturais ocorridas com o fim da sociedade tradicional, como o triunfo do individualismo e a experiência da morte (perpetuação do sonho dos adultos) contribuem para que a juventude seja assimilada como uma invenção necessária ao bom desempenho psíquico dos adultos. (CALLIGARIS, 2000) Desta forma podemos visualizar a construção da subjetividade juvenil como intersubjetiva, ou seja, se constituindo dialogicamente através de um outro (o adulto).

Além de a cultura induzir o jovem a interpretar o repertório social dos sonhos e dos ideais dos adultos incita o desejo moderno de autonomia e independência o que cria

no jovem uma sensação de obediência e desobediência. Aliado a esta situação paradoxal e contraditória, o jovem ainda herda do adulto uma aspiração de originalidade e destaque, ao mesmo tempo em que a cultura (e o adulto) o incita à conformidade. Esta versão hipócrita da autoridade do adulto tem sido assimilada pelo jovem em forma de revolta. O adulto tornou-se para ele um repressor hipócrita. (CALIGARIS, 2000) Este elemento paradoxal na construção da subjetividade juvenil pode estar contribuindo para a ausência contemporânea de protagonismo juvenil.

Entendemos que a finalidade de se tornar um adulto é para o jovem a busca de reconhecimento, de pertencimento a sociedade. Mas, nesta busca, o jovem se encontra entregue a problemas lógicos complicados que o levam a radicalismos e às mais variadas transgressões. Assim, “o jovem na procura de reconhecimento, é culturalmente seduzido a se engajar por caminhos tortuosos onde, paradoxalmente, ele se marginaliza logo no momento em que viria se integrar”. (CALLIGARIS, 2000, p.33) Desta forma, pode-se pensar que as condutas transgressoras parecem retratar o sentimento dos adultos de que a juventude é uma espécie de patologia social, uma etapa visualizada como problemática.

Para Calligaris (2000) o jovem contemporâneo (sem distinção de sexo) parece ser aquele que tem o tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade; cujo corpo chegou à maturação necessária para que possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo; para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória. O jovem é por fim submetido a um período de suspensão, sendo sua autorização a participar da sociedade, com devido reconhecimento, postergada. Sob a tutela de adultos, o jovem fica neste “limbo” preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente.

Escolhemos a fala de alguns jovens para ilustrar a ambivalência juvenil encontrada em grande parte das falas dos jovens entrevistados independente de sua localização geográfica na cidade de Santa Cruz do Sul. Em seus relatos podemos perceber claramente os três sentidos sobre juventude preconizados neste estudo: como um ideal social, como uma etapa problemática e como uma etapa de aprendizagem.

Nas entrevistas os jovens de ambos os grupos pesquisados relataram a experiência de ser jovem em Santa Cruz do Sul quando perguntado “o que te vem à mente quando se fala a palavra juventude?”. Os sentidos produzidos foram muitas vezes paradoxais e contraditórios, mas também de muitas dúvidas. Idéias de rebeldia apontando para a adolescência como etapa problemática, de busca de reconhecimento (ideal social), de questionamentos e aprendizagem (limbo). Ambos jovens apresentaram sentimentos entrelaçados incitando uma juventude além de heterogênea bastante ambivalente e insegura.

A seguir expomos duas falas significativas em relação a juventude como um ideal social, como a “melhor idade”.

“Eu, do meu ponto de vista, hoje é a melhor idade que existe, né? (...)A juventude nós mudamos, estamos tomando mais atitude. É essa juventude que muitas vezes a gente quer mostrar. É o jeito jovem de ser alegre”.

A juventude para R (21 anos) – bairro Bom Jesus

“É bem legal... Conforme tu vai crescendo, tu vai... Que nem na minha idade assim, sabe, tu não vê a hora de ter tal idade. Daí depois eu vou lá e converso com pessoas que fizeram 18 e disseram assim não vejo a hora., quero voltar ao passado, ser jovem!”

A juventude para D (13anos) – bairro Bom Jesus

A juventude como etapa de aprendizagem também foi bastante visível nas falas dos jovens participantes. Referir-se a esta etapa como etapa de aprendizagem incluiu

desde o fato de poderem refazer suas escolhas diante dos erros, como também de experimentarem atitudes que exigem maior responsabilidade. Todavia, parece saudável este exercício juvenil de poder se permitir errar, mas pressupõe que quando adultos não vão poder rever suas escolhas. Esta liberdade em ir e vir parece ser atribuída ao imaginário social do que um jovem pode fazer ou ser. Além disso, a etapa de aprendizagem, também se reporta a uma preocupação juvenil quando o assunto é mercado de trabalho local, pois enquanto aprendizes recebem, em sua maioria, baixos salários e/ou atuam na informalidade. As falas mais significativas neste sentido vão estar expostas mais adiante ao tratarmos da inserção dos jovens no mercado de trabalho.

“Ser jovem? Ser jovem é legal! (...) Ah, total porque se aprende várias coisas. Tu erra e depois tu vê e tu volta. Ah, a gente sai e trabalha, estas coisas, sabe. As conversas assim são mais avançadas do que com as amigas, sabe. Coisas assim que a gente comenta, mais coisas que a gente faz e que erra e conversa, mais assim quando se é jovem”.

(D, 13anos)

“Liberdade.... liberdade de expressão, poder dizer o que tu sente ou que tu pensa... é uma idade boa também, mas é a idade da responsabilidade como dizem (...) Porque eu trabalho, mas eu não tenho tanta responsabilidade assim”.

(F, 18 anos)

“Bah, eu não sei! Juventude? (...) É um pouco difícil, sabe? Porque na real eu estou no início da minha carreira, sabe? Eu já estou ingressando na vida adulta, né? Só que ao mesmo tempo eu sei que ainda tem muita coisa pela frente e tem muito livro pra ler ainda e tem muita coisa pra fazer”.

(F, 25 anos)

A juventude como uma etapa problemática apareceu muito mais por parte dos jovens entrevistados como uma etapa de passagem difícil, do que como uma idade de rebeldia. Passagem difícil pelo fato de ainda não serem reconhecidos por sua capacidade de pensar e opinar e, em especial por não conseguirem visualizar maior estabilidade em seu futuro. Além disso, vêem como problema o fato de não possuírem autonomia financeira e de que para certos temas ainda são aprendizes.

4.2 Vivência juvenil dos processos de inclusão/exclusão social e as formas de expressar o mal-estar contemporâneo

Ao pensarmos o jovem como integrante da sociedade, porém desamparado socialmente, estamos já o situando num contexto (paradoxal) de mal-estar. Este desamparo social apareceu mais claramente (explicitamente) nas falas dos jovens do bairro Bom Jesus ao visualizarem seu bairro como excluído ou isolado pelo restante da população da cidade devido ao perigo que representa através da visibilidade de seus índices de violência e criminalidade. Todavia, a temática do mal-estar reaparece através da vivência com o germanismo local e sob a forma de exclusão social, essencialmente como falta de oportunidades de trabalho, ausência de democracia e como desigualdade social.

4.2.1 Mal-estar local: individualismo, assistencialismo e germanismo como vilões da integração social em Santa Cruz do Sul

Os jovens deste estudo retrataram através de suas falas a dificuldade em lidar com o processo de alteridade. Enquanto os jovens do bairro Bom Jesus vêem no voluntariado uma forma de se sentirem pertencentes socialmente (acolhidos), embora estejam aprendendo a solidariedade sob uma forma assistencialista, de doutrinação e como passa-tempo, até que surja uma oportunidade de trabalho remunerado; os jovens do bairro Universitário visualizam sua integração social não na afiliação ao movimento juvenil, mas ao fato de reunirem-se para entretenimento. Assim, pensamos ser essencial para o jovem o quesito pertencimento, independentemente dos objetivos a que se destinam estes grupos. Tanto os jovens do Movimento Estudantil como os jovens Unidos pela Paz encontram nestes grupos uma forma de minimizar o mal-estar em relação a sua precária integração social sentida na cidade de Santa Cruz do Sul. Algo que a olhos vistos denota um paradoxo em relação ao individualismo imposto pela contemporaneidade. Assim, a subjetividade destes jovens pode estar sendo construída

em direção ao individualismo e a intolerância. Parece claro o fato de que os jovens se sentem incluídos no grupo, mas excluídos das oportunidades do município. Fato este que contribui para uma visão fragmentada de sociedade, um distanciamento entre indivíduo e sociedade.

A seguir expomos a fala de um estudante universitário em relação a configuração do individualismo exacerbado no ensino superior.

“Participação é uma palavra que eu vejo que as pessoas aboliram do seu dicionário. (...) Eu vejo que o adolescente secundarista hoje ele tem uma participação política, sai na rua, faz manifestos e coisa e tal. E isso sempre aconteceu. Já na universidade não tem assim essa coisa do outro, de que tu precisa de outras pessoas”.

(F, 25 anos.)

Os jovens deste estudo, moradores do bairro universitário vivenciam o individualismo *per se*, pois vêem a adesão ao movimento estudantil diminuída e não só pelo quadro atual de uma política nacional desacreditada, mas por uma busca de sucesso pessoal e profissional individualizada, sem a consciência da necessidade de projetos coletivos. Além disso, a adesão ao movimento estudantil tornou-se o lócus de encontro dos jovens universitários “forasteiros” que não encontram outras opções de integração social no município. Esta versão pode ser visualizada nos sentidos produzidos na fala a seguir e mais adiante quando abordaremos as perspectivas juvenis em relação ao futuro.

“Eu passo muito mais tempo aqui na UNISC. Esses dias que eu comecei a andar pelo bairro, porque eu estou procurando um outro lugar para morar. Mas eu vejo, assim, que ele é habitado por universitários e toda a movimentação que eu vejo no bairro é festa. O pessoal não tem muita coisa para fazer, sabe? Ou se mete no movimento estudantil, pois uma coisa mais cultural aqui não tem.(...) Tu até encontra nas boates, daí sim, boate, bar, e todos os jovens aqui da Unisc que moram no universitário tu encontra ali nesses lugares. Mas, uma coisa mais cultural, assim, não. Ah, nas casas é mais restrito e tu até encontra aqueles que estão no movimento estudantil daí rola, sabe? Mas esses assim se deslocaram do senso comum para o movimento estudantil. Então eu me sinto muito mais provedor desses encontros assim, mas é claro que existem outras pessoas, outros ETs assim como eu aqui em Santa Cruz” .

(F, 25 anos)

O germanismo como um entrave à integração social apareceu de forma diferenciada nas falas dos dois grupos participantes. Nas entrevistas com os jovens do bairro universitário, o germanismo apareceu como característica atrativa do município pela forma própria de organização da cidade, entretanto, como aspecto negativo em relação às pessoas e ao processo de “boa vizinhança”. Muitos dos jovens universitários relataram que acabam se reunindo com jovens de outras cidades e que os “santa-cruzenses natos” não são receptivos. Já os jovens pesquisados moradores do bairro Bom Jesus citaram que o germanismo impera sob forma de discriminação e que não oportuniza eqüitativamente àqueles que moram no bairro como retrata a fala a seguir.

É difícil escutar: “lá vai a neguinha” ou alguma coisa assim, porque isso machuca a gente por dentro, mesmo sendo uma brincadeira. Até os próprios apelidos carinhosos são racistas e lá pra cima não é assim. (...) Mas é que em outros estados, sei lá, há chances de ter alguém que valorize o meu trabalho, que valorize o meu dom de ser alguém na vida. Eu tenho chances de ser coisa melhor do que eu vou ser aqui. Em outro estado eles vão valorizar mais do que aqui. Pois aqui eu posso ter curso isso, aquilo-aquilo e concorrer com uma loira que mal tem o ensino fundamental, ela vai conseguir a vaga, não eu!”

(E, 13 anos)

Além dos jovens pesquisados moradores do bairro Bom Jesus vivenciarem o processo de alteridade através do germanismo e do assistencialismo expressam também sua dificuldade em recrutar a solidariedade alheia. E o que sobressaiu em seus discursos em relação ao exercício da solidariedade alheia foi muito mais um medo social de exposição à violência, do horror ao outro do que o propósito de participação social. Mais uma vez visualizamos uma situação paradoxal para os jovens deste estudo construírem sua subjetividade. Talvez o narcisismo das pequenas diferenças tenha atingido seu auge com o aumento da pobreza e da violência em cidades médias ou onde um discurso germânico ainda ressoa. Além disso, foi mencionado também um certo mal-estar proporcionado pelo próprio fato de pertencimento ao grupo de jovens Unidos pela Paz, como podemos verificar na fala a seguir.

“Muitas pessoas acham assim que a gente tem que ser que nem eles, que nem eu participo do grupo de jovens e ajudo bastante na Igreja, isso tudo eles acham que... ah, não sei o quê, tu é bem diferente de nós! Porque eles só querem é zoar, curtir, fazer festas. Sabe que eu também gosto, mas eu não! Eu sei que a vida não é feita só disso, sabe? Então tu sofre também um pouco de preconceito por isso, né? Eles acham que só porque tu vai na missa tu vai ser padre ou porque tu ajuda tu é meio santo. E a imagem que eles tem de quem está no grupo é de que tu fica rezando 24 horas todo dia, que tu só reza e reza e participa de reuniões!”

(A, 16 anos)

Esta fala é expressiva, pois além de expor o sentimento do próprio jovem do grupo Unidos pela Paz em relação à hostilidade dos demais jovens que coabitam o bairro, permite introduzir a fala da líder comunitária captada no diário de campo, a respeito dos requisitos para a inclusão de jovens no grupo. Os jovens com comportamentos “desajustados” não poderiam aderir ao grupo, pois este tem como objetivo agir pela união e pela paz. Assim, os “jovens desajustados” moradores daquele bairro não vêm a adesão ao grupo como uma alternativa de inclusão social, pois este está aberto apenas para os “jovens modelo”, os quais estão “aptos” a aconselhar (doutrinar) os demais.

Em relação ao voluntariado, vale ressaltar que muitos dos jovens deste estudo, moradores do bairro Bom Jesus associaram o trabalho voluntário também como algo enobrecedor, ao contrário de divertimento, talvez um resquício de seu “doutrinação”. Isto nos leva a pensar que, além da culpa pelo divertimento, os jovens experienciam no discurso capitalista ocidental dominante (existir é produzir) uma existência baseada no ter à ser. Diante desta visão de vida não há espaço para o tempo livre, para o entretenimento, para o lazer. E isto torna o trabalho o ditador contemporâneo do bem-estar social ou como afirmamos anteriormente, o entendimento de que o trabalho é um quesito essencial (se não o único) para a inclusão social. Na mesma direção, versão similar sobre a inclusão social através do trabalho também foi significativamente citada na fala dos jovens universitários pesquisados.

‘Pois eu vejo que quando eu penso em futuro eu associo à trabalho, ou penso em trabalho e coisas materiais, está entendendo? Eu penso nisso!

(F, 25 anos)

Em relação à cidade de Santa Cruz do Sul as falas dos jovens participantes deste estudo foram significativas apenas por reforçarem o discurso germânico como uma limitação ao seu desenvolvimento. Em grande parte das falas, sobressaíram as questões estéticas e de entretenimento. No entanto, a maioria desses jovens não visualiza no município boas oportunidades de crescimento e desenvolvimento, a ponto de aspirarem uma migração para outras cidades e estados. Isto reforça o fato de que se está perdendo parte do capital social do município, através da saída destes jovens, diferentemente da dinâmica do êxodo rural dos anos 1970, onde a migração interregional era temporária e o jovem retornava para seu município ou região de origem. Hoje há a involução de algumas comunidades justamente pela saída de sua população jovem que muitas vezes migram em conjunto com a família. No caso da região do Vale do Rio Pardo, a saída de jovens para cidades maiores ou pólo regional como o município de Santa Cruz do Sul, pode estar contribuindo para uma queda na dinamização econômica e humana destas pequenas comunidades.

As falas a seguir retratam a visão que os jovens entrevistados têm da cidade de Santa Cruz do Sul.

“A cidade é boa, é bonita, mas eu vejo que meu futuro não é aqui! Pode até ser mais lá pra cima do Rio Grande do Sul, eu sonho e sonho bem alto. Isso pro meu futuro profissional e acho que meus filhos também vão ter seu futuro lá pra cima, porque aqui embaixo eu acho muito sofrido”.

(E, 13 anos)

“Ah, uma cidade bem legal assim sabe, bem organizada. Eu assim não gosto daqui... Sabe, legal assim aqui. São bem criativos, essas coisas assim sabe, mas tem seus limites. É uma cidade assim.... de coisas germânicas, essas coisas assim aqui, né?”

(D, 13 anos)

“Santa Cruz do Sul? Bem, me vem várias coisas. Eu vejo a universidade com bons olhos. Gosto muito desta universidade e eu acho assim que existe uma contradição na minha fala de não participação, mas de participação, pois aqui a gente é reconhecido tanto pela docência quanto na área nacional. Mas, a cidade é escrota! A cidade é... Sabe as pessoas, a política que é gestada é a de pouca participação e é assistencialista e mantenedora da ordem, sabe? Mantenedora da ordem que eu digo assim desse bolsão de pobreza que existe e que não é visto. (...)E eu acho a cidade escrota, sabe? Eu acho este germanismo escroto. (...) E eu odeio alemão, odeio a ética alemã. Essa coisa da limpeza, da dureza do alemão e essa coisa contra negros e contra pobres (...)Só que eu acho que uma coisa é tu ser racista e tentar compreender porque existe isso e outra coisa é tu excluir, sabe? Achar que alguns seres humanos são um lixo e não merecem meu olhar. E é isso o que acontece aqui em Santa Cruz do Sul.”

(F, 25 anos)

Santa Cruz já foi bem melhor do que pra nós, pelo menos quando se fala em trabalho”.

(F, 18 anos)

Além de uma visão negativa do município em relação as oportunidade de crescimento e desenvolvimento, os jovens do grupo Unidos pela Paz, moradores do bairro Bom Jesus ainda ressaltaram uma visão negativa do próprio bairro.

“Acho que o bairro Bom Jesus é a zona do perigo, mas se acontece alguma coisa aqui hoje no Bom Jesus, amanhã já é a primeira capa da Gazeta! O jornal não quer saber quando acontece alguma coisa num outro bairro, como universitário e imigrantes e daí aparece apenas uma pequena notinha na última folha do jornal (...) Porque tudo que é perto do Bom Jesus não presta. Tem sempre uns problemas, que nem tu quer conseguir um emprego e certas escolas também não estão mais aceitando os alunos daqui, né? Ah é do Bom Jesus? Daí eles não te chamam”.

(A, 16 anos)

“É legal e é ruim, sabe. Porque... não sei assim quando tu chega num lugar eles perguntam onde tu mora, assim, sabe. Daí parece que te excluem quando tu te identifica, que não te dão oportunidades. Se agora que eu sou nova já é assim, imagina quando eu for maior, sabe. No táxi para pegar, nessas coisas tudo assim eles discriminam quem é daqui, não vêem o lado bom. (...) Que nem falam, sabe, ai o Bom Jesus é aquilo... (...) Parece que só aqui tem violência!(...). Eu acho que é bom morar aqui, só que eu queria que os outros entendessem, sabe, que esse é um bairro normal, tem violência, tem, sabe. Mas, tem muitas pessoas boas também”.

(D, 13 anos)

4.3 Inércia juvenil e liberdade individual: impasses ao desenvolvimento regional contemporâneo

Os jovens deste estudo relataram através de suas falas a dificuldade em lidarem com os pressupostos de uma economia solidária, baseada na sustentabilidade. Pois se sentem responsáveis individualmente por suas relações com o mundo e por seu futuro pessoal e profissional. Além disso, não vivenciam em seu processo de construção de subjetividade experiências que os potencializem para uma ação cidadã, experiências como protagonistas coletivos do desenvolvimento, enfim, como promotores dinâmicos das mudanças sociais. Embora, em seu discurso percebam a carência de políticas econômicas voltadas para as questões sociais e com maior equilíbrio na distribuição das riquezas.

Em geral não há a visibilidade de uma melhora social, embora poucos tenham se referido às questões sociais como fator de desenvolvimento. Dentre estes, os mais citados foram a minimização da pobreza e da violência e do abuso de substâncias químicas psicoativas, algo que confirma o estudo sobre as preocupações juvenis ilustrado na Agenda 21. O desenvolvimento apareceu muito mais relacionado aos aspectos voltados à estética da estrutura urbana (como ajardinamentos) e como entretenimento (autódromo e Oktoberfest). Além disso, muitos dos jovens deste estudo acreditam que o desenvolvimento está associado ao número de empresas e conseqüentemente ao número de vagas de emprego. Uma visão que evidencia a necessidade de políticas econômicas voltas para as questões sociais e não meramente para crescimento econômico e, também, para o fato de que os jovens aqui pesquisados se percebem como beneficiários passivos dos programas de desenvolvimento.

As falas a seguir demonstram parte desta realidade narrada pelos jovens entrevistados, pois apenas uma jovem se sentiu incomodada com o fato de aceitar a imposição de programas governamentais.

“(…) Quem é que mantém a cidade? Em parte é a UNISC e em grande parte são as fumageiras. E as fumageiras colocam quem elas querem na prefeitura, no poder. E para uma fumageira funcionar tem que ter estes bolsões de miséria ao redor, porque quem é que se sujeita? Eu, tu? Ninguém! Pois a gente não vai trabalhar como safristaed quatro meses por ano. Então tem que ser uma pessoa que está fazendo qualquer coisa para comer (...) De quem depende dos outros, porque quem está se f... é quem está lá na vila, né?”.
“(…)Exemplo de uma política voltada para o capital, de uma política voltada para os meios de produção. Porque não tem um investimento social aí, em políticas sociais”.

(F, 25 anos)

“Está tudo muito difícil. E quando ouvi que as empresas daqui iam se mudar eu pensei: “bah, vai dar um monte de desemprego!”. Santa Cruz já foi bem melhor do que pra nós, pelo menos quando se fala em trabalho”.

(F, 18 anos)

“Então é por falta de oportunidade, muitos aqui não tem a oportunidade de se expressar na sociedade. Por ser um jovem não daqui, mas por ser negro ou por ser pobre... Não é aquela força de dizer não. Não é como o jovem que mora lá no centro que tem voz ativa... Aqui não! Aqui tu tens que ficar quieto, aceitar o que o governo faz e ainda agradecer”.

(E, 13 anos)

No mundo ocidental capitalista, a potencialização dos riscos da participação social parece minimizar as expectativas de ganhos coletivos mediante o horizonte dos desejos dos jovens deste estudo. O caminho parece estar trilhado para ações e políticas sociais conservadoras, voltadas apenas para questões de segurança (policial), estrutura urbana e violência. Estas configurações denotam que estar inerte é mais seguro do que ser impulsionado como agente social de mudança.

4.4 Perspectivas de futuro: para quê sonham?

O planejamento de vida é uma angústia para o público jovem brasileiro. Pois precisam estar atentos a todas as demandas impostas pela escolha do estilo de vida contemporâneo e sofrem com a economia política neoliberal vigente, diga-se governo

conservador à reformador. Esta forma de governar aumenta a distância entre Estado e sociedade civil, neste caso, o público juvenil e torna a inércia social motor da manutenção do *Status Quo* e da desigualdade social.

Se o objetivo para o jovem é avançar uma etapa do ciclo vital e inserir-se no mercado de trabalho ou sair da casa dos pais e constituir família esta angústia aumenta, pois estes eventos estão ocorrendo de forma dessincronizada. Isto tem caracterizado uma juventude heterogênea e determinada por processos de transição desiguais. Assim, pode-se pensar que existem diversas formas de ser jovem e de planejar o futuro. Entretanto, para os dois grupos de jovens entrevistados a perspectiva de futuro, além da necessidade de estabilidade (segurança) estava associada prioritariamente a inserção no mercado de trabalho, mais especificamente a busca de um posto de trabalho ou emprego formal. Algo paradoxal considerando as conseqüências do processo de globalização, a começar pelas transformações tecnológicas no setor de produção fabril que priorizou a automatização ao invés da humanização e, pelas transformações no terceiro setor que passou a exigir maior capacidade de empreendedorismo.

Os jovens deste estudo, parece não estarem se dando conta que existem novas formas de trabalho, pois ainda querem um emprego assalariado. Além disso, não se vêem com potencial para mudar sua situação social e nem como protagonistas de seu futuro profissional, esperam um posto de trabalho proporcionado pelos órgãos do governo. Esta visão assistencialista que os jovens entrevistados apresentaram é preocupante diante da necessidade de protagonismo juvenil articulado aos propósitos de uma economia solidária, baseada na sustentabilidade. Este cenário apenas denota a precariedade dos modelos educacional, político, econômico e social na formação de jovens como agentes potenciais de mudança.

O interessante foi perceber na fala dos entrevistados um esforço para tornarem-se adultos. Pensar em seu futuro incluía tanto a inserção no mundo do trabalho, como o

fato de constituir uma nova família, ou seja, adquirir autonomia. Mas, em seus discursos era notável a dificuldade de aquisição de independência financeira. Além disso, o papel da família de origem nas decisões sobre o futuro parecia essencial para a maioria dos jovens entrevistados. Embora, muitas vezes atribuíssem a si seu sucesso pessoal e profissional. Esta forma individualista de se perceber também foi mencionada em relação à aquisição de bens. Na maioria dos jovens entrevistados o trabalho era um meio para adquirir bens e pouco se falou em realização pessoal, ou contribuição social. Essa supervalorização ao trabalho, ou melhor, ao emprego parece aumentar a angústia destes jovens em relação ao seu futuro.

Em algumas falas dos jovens entrevistados, moradores do bairro Bom Jesus, ficou explícito o desejo de migração para outras regiões mais prósperas (diante do quesito emprego). O interessante foi perceber que a escola parece realmente ter um efeito manipulador, em especial das aspirações destes jovens, pois reforça este imaginário de que no município não há oportunidade de crescimento profissional para jovens de etnias não-germânicas e moradores de bairros periféricos, como mostra a fala a seguir.

“Mas aqui a minha professora de sociologia e religião diz: “não faz teu futuro aqui... que tu tens que lutar pelo teu futuro e ir lá conseguir. Não é que nem tem muita gente que diz: eu quero ir para São Paulo, eu quero ter uma vida de novela, quero ser madame, vou lá pro Rio de Janeiro e vou ficar rica”. Não é isso que eu quero! Até porque eu não vou ser! Mas é que em outros estados, sei lá, há chances de ter alguém que valorize o meu trabalho, que valorize o meu dom de ser alguém na vida. Eu tenho chances de ser coisa melhor do que eu vou ser aqui”.

(E, 13 anos)

As falas a seguir ilustram bem esta nova dimensão existencial do ter à ser (através do trabalho) e também a necessidade de independência financeira, mas muito mais como desejo em poder consumir como um adulto do que adquirir autonomia. Além disso, uma das falas é ilustrativa pelo fato de individualizar a responsabilidade pelo sucesso profissional.

“O futuro está associado sim a profissão, claro né! Pois eu não sei se eu estou a fim de encontrar uma pessoa que seja da área da psicologia, do serviço social ou da sociologia. Eu quero encontrar uma pessoa das artes plásticas ou da comunicação que seja mais... Enfim, isso é só uma coisa que já me deixa um pouco preocupado, pois eu só me vejo sozinho (...) Pois eu vejo que quando eu penso em futuro eu associo à trabalho, ou penso em trabalho e coisas materiais, está entendendo? Eu penso nisso!”.

(F, 25 anos)

“Mas, eu pretendo alcançar todos os meus objetivos, ter tudo o que eu quero, só que sempre tem aquelas coisas assim... que nem eu quero trabalhar, mas a minha mãe não deixa. E às vezes eu penso que é muito difícil e por outro lado eu penso que se quero ser uma professora eu tenho que buscar meu sonho, então está nas minhas mãos”.

(D, 13 anos)

“Eu acho que não é só dinheiro! (...) Eu quero fazer meu próprio futuro e quero que o futuro dos meus filhos seja assim, que tenham futuramente um diploma e tal pra conseguir o emprego deles”.

(E, 13 anos)

Outra característica dos jovens deste estudo representada pela fala a seguir é a necessidade de busca de felicidade. Esta premissa do imaginário social da atualidade que proíbe o desprazer também parece ser absorvida por estes jovens. Embora o que se percebeu com as falas destes jovens é que estão muito mais preocupados em se tornarem adultos e estar em segurança do que com as questões ligadas a felicidade. Aliás, a forma de alcançarem a felicidade parece estar associada a emprego e segurança. Além disso, um alívio (ou não) para se pensar estes jovens não tão individualistas assim foi perceber em suas falas o desejo em constituir família, o que talvez possa traduzir parte do discurso doutrinário por parte dos jovens deste estudo moradores do bairro Bom Jesus. A família (ou o fato de ter filhos) não foi mencionada pelos jovens pesquisados moradores do bairro universitário. Estes relataram a importância de união à outra pessoa, mas não o desejo em ter filhos. De certa forma, os jovens entrevistados parecem ambivalentes diante de tantas possibilidades de escolha, entre constituir família, encontrar um parceiro ou ficar sozinho.

“Futuro? Ser muito feliz! Que seja tranquilo! É isso o que mais quero (...)Bem, eu quero ser feliz, conseguir um emprego, arrumar uma família, isso”

(A, 16 anos)

Eu quero encontrar uma pessoa das artes plásticas ou da comunicação que seja mais... Enfim, isso é só uma coisa que já me deixa um pouco preocupado, pois eu só me vejo sozinho...

(F, 25 anos)

A impossibilidade de ascensão social apareceu com uma preocupação dos jovens deste estudo em relação ao futuro mais significativamente por parte dos jovens universitários pesquisados. O fato de pertencerem a uma classe social mediana pode ser o indício de perceberem que na atualidade o ensino superior já não é mais garantia de inserção e de estabilidade profissional. O arrouxo na classe média pode estar favorecendo uma diminuição da qualidade de vida desses jovens, sem contar a defasagem nos programas de ensino para jovens.

“Mas, a questão com a minha família entra muito a questão da cobrança, né? A cobrança de fazer uma faculdade que vá garantir meu futuro, que me insira profissionalmente no mercado. Havia um medo muito grande e eu acho que na verdade eles queriam que eu ascendesse a eles, está entendendo? Que eu tivesse muito mais grana do que eles. Tipo eu cursei uma faculdade e gostaria de entrar num mestrado direto e... é uma coisa que eu vou ter que fazer. Não para mim como possibilidade de ascensão, mais eu acho que é financeira, sabe?..(...)”

(F, 25 anos)

A sensação de vazio, o sentimento de impotência e a preocupação com a inserção no mercado de trabalho por ser inexperiente foram expressas por ambos grupos de jovens entrevistados.

“...eu não sei o que está por vir ainda, sabe. Então o começo já está difícil, e isso balança a gente. O que me dá medo e que dá vontade de desistir do meu sonho, sabe. Complica tudo, pois eu não sei o que está por vir anda, será que vou vencer tudo que eu quero realizar? Mas, é muito difícil”.

(D, 13 anos)

“Olha só! Tu falas em futuro e a primeira coisa que me vem à mente é um ponto de interrogação. Um vermelho imenso! Pelo menos ele é vermelho, é de esquerda! (risos) É bem a fase que eu estou, que eu não sei qual será o campo em que eu vou atuar. Mas me vem sim uma coisa de inexperiência muito grande, uma grande impotência em não ocupar o lugar que eu gostaria de ocupar, sabe?”

(F, 25 anos)

Em relação à inserção no mercado de trabalho, muitos dos jovens deste estudo relataram a importância da capacitação para incluir-se através do trabalho, embora poucos tenham noção da precariedade do sistema educacional em relação a uma educação (profissional) adequada a realidade e necessidades da cultura local. Apenas um jovem e do bairro universitário mencionou a possibilidade de ampliar os campos de atuação profissional e da necessidade do jovem em ter iniciativas. Todos os demais entrevistados percebiam apenas a necessidade de passagem do emprego informal ou temporário para um emprego formal e vitalício.

“Porque assim, tem espaço, tem campo neste sentido, tem postos de trabalho, só que tem pouca gente que se dedica a isso. (...) A gente está precisando de iniciativas para responder estas demandas. E não é só para a psicologia, sabe? É administração, claro que é administração! A própria economia, a engenharia, arquitetura... só que as pessoas, elas não se voltam para isso”.

(F, 25 anos)

Esta fala é expressiva, pois denota um certo otimismo diante do cenário de inércia juvenil, embora a tomada de atitude para os jovens deste estudo esteja associada à rebeldia e não como um aspecto saudável de seu desenvolvimento. Esta constatação é sinalizante de que aos poucos estes jovens estão despertando para a necessidade de protagonizarem seu futuro e quiçá comecem a pensar em ações articuladas às políticas locais de governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A idéia defendida nas últimas décadas, de que as grandes massas de população dos países pobres podem atingir os padrões de consumo da minoria da humanidade que vive hoje nos países altamente industrializados, como os Estados Unidos, não passa de um mito, de uma ilusão. (...) Na verdade, o que acontece é que essa idéia - do desenvolvimento econômico - serve para levar os povos pobres a aceitar grandes sacrifícios em nome de um futuro que nunca vai acontecer. Essa idéia serve também para desviar as atenções das necessidades básicas da vida humana - alimentação, saúde, habitação, educação -, para cuja satisfação devem orientar-se os esforços de cientistas, economistas, políticos e de todos os cidadãos. O desenvolvimento de um povo só será possível por meio do atendimento a essas necessidades, para as quais precisam ser orientados os investimentos”.

Celso Furtado, 2002

A literatura sobre a modernidade e contemporaneidade tem mostrado que a juventude brasileira tem sido o alvo em potencial do mercado consumidor ditado pelas normas da indústria cultural e do capital transnacionalizado, nossa “velha conhecida” globalização perversa - homogeneizante. Diante deste contexto vê-se um Estado nacional enfraquecido e carente de políticas de inclusão social, em especial para jovens. Realidade que saltou aos olhos quando fizemos um recorte geográfico ao sul do país, em uma região considerada privilegiada pelo *Atlas da Exclusão Social no Brasil*. Com nossa lupa de pesquisadoras sociais pudemos perceber que aspectos da cultura regional podem influenciar negativamente na constituição identitária cultural (e cidadã) de jovens e em sua integração social, trazendo como consequência uma recontextualização do mal-estar projetado por Sigmund Freud nos anos 1930.

Foi no município de Santa Cruz do Sul que entrevistamos dois grupos de jovens com idades entre 13 e 25 anos, ambos estudantes e urbanos, moradores de distintos bairros e de distinta situação econômica e social. Ao exponenciarmos nossas lentes verificamos que a temática do mal-estar reapareceu através da vivência destes jovens

com o germanismo local e sob a forma de exclusão social, essencialmente como falta de oportunidades de trabalho, ausência de democracia e como desigualdade social. Diante deste cenário é inimaginável a inexistência do sentimento de desamparo social. Este foi relatado pelos jovens participantes deste estudo em forma da necessidade de segurança, de estabilidade, essencialmente, por atribuírem a si a responsabilidade pelo seu futuro e, paradoxalmente, por acreditarem em ações governamentais assistenciais.

Tudo leva a crer que estes jovens “compraram” a idéia de que o país, quando altamente industrializado, está automaticamente se desenvolvendo. Esta versão do desenvolvimento enquanto crescimento econômico, enquanto número de empresas e indústrias, enquanto vagas de emprego parece ser uma forma de manter estes jovens alienados e cegos diante das necessidades básicas da vida humana. Enquanto a cultura local imbuir que desenvolvimento está associado a entretenimento e estética não haverá preocupação governamental com as necessidades básicas e com a qualidade de vida e tampouco haverá investimento em questões sociais. E, como consequência continuaremos a caminhar na direção contrária a democracia e a proximidade entre Estado e sociedade civil.

Percebemos neste estudo que os jovens entrevistados vivenciam o paradoxo entre o ideal de autonomia (objetivam tornar-se adultos) e a continuação de sua dependência (necessidade de apoio). Este paradoxo traz à tona o sentimento de frustração, algo que deveria agravar sua insatisfação, mas que tem denotado sua conformidade. Percebemos a necessidade de jovens como agentes sociais de mudanças, como protagonistas do desenvolvimento político, econômico e social de nosso país; percebemos esses jovens vulneráveis ao desamparo social principalmente pelo Estado e pela família, já que afetam a constituição identitária e social dos jovens em sua cultura local. É desta forma que percebemos que o futuro da nação brasileira não depende unicamente do público juvenil e que é crucial ao plano nacional de desenvolvimento a adoção e o planejamento de ações coletivas.

Acreditamos que a constituição identitária e social destes jovens também é afetada pela forma como vivenciam o processo de alteridade, da forma como se relacionam com os demais. A idéia de discriminação étnica e social perpassa pelo imaginário desses jovens de forma individualizada e não como um construto coletivo. Infelizmente, no caso dos jovens entrevistados, inclusão significa confinamento dentro do próprio grupo e fechamento diante do alheio, do diferente, do estranho, do marginalizado. Diante deste contexto e para não comprometermos o futuro da pesquisa em Psicologia, a prática clínica com o público juvenil e as ações e políticas governamentais voltadas para as questões sociais, talvez devamos refletir e/ou problematizar junto com o público juvenil a forma como estabelecem suas relações com a cultura local e, quem sabe, possamos com isso estimular que novas formas de estar juntos – em sociedade – possam ser (re)inventadas.

Ambos os grupos de jovens entrevistados apresentaram sentimentos entrelaçados incitando uma juventude além de heterogênea bastante ambivalente e insegura. O que nos levou a repensar a questão do universalismo homogêneo imposto pela globalização. Não encontramos uma juventude heterogênea, mas juventudes que por um entrelaçamento de linguagens do cotidiano teve sua constituição identitária fortemente alterada pela cultura regional. O que nos fez pensar que enquanto pesquisadoras e psicoterapeutas devemos estar atentas à singularidade da cultura regional no processo de construção de subjetividades juvenis contemporâneas, em especial no que tange à alteridade.

Este estudo possibilitou a constatação de que no imaginário destes dois grupos juvenis persiste um discurso mantenedor de lugares hierarquizados e reforçador de subjetividades pouco voltadas para a desconstrução de estereótipos, para o protagonismo social e para o empreendedorismo. Uma constatação de que as subjetividades dos jovens moradores dos bairros Bom Jesus e Universitário, do município de Santa Cruz do Sul, que foram entrevistados, estão sendo construídas em direção ao individualismo e a intolerância. Cenário que compromete o desenvolvimento

saudável destes jovens e também a capacidade de protagonizarem o desenvolvimento sócio-econômico de sua região.

Torna-se, portanto, essencial diante deste cenário de descapitalização social do público juvenil pesquisado, uma vez entrelaçado a sua cultura regional, a pertinência de políticas públicas que contemplem as questões sociais considerando as diferenças culturais regionais.

Um novo olhar foi lançado recentemente como forma de continuidade deste estudo e também para suprir uma das carências percebidas no decorrer da análise. Embora a idéia de uma análise das relações de gênero entrelaçada ao cotidiano dos jovens entrevistados não era novidade neste estudo, mas sim uma de suas limitações já que estava prevista como um dos objetivos específicos. Assim, a novidade é justamente este novo olhar lançado de uma forma mais comprometida e também associado à perspectiva familiar; promovido pela inclusão como voluntária ao Grupo de Pesquisas sobre Relações de Gênero, coordenado pela profa. Dra. Marlene Neves Strey, da Pontifca Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul – PUC/RS e pela participação no Centro Clínico de Estudos Sistêmicos, da Prontamente Clínica da Família, na cidade de Porto Alegre.

Outra limitação deste estudo foi percebida através da participação e apresentação de parte deste trabalho de pesquisa no simpósio temático: Gênero e trânsitos disciplinares, do *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos*, em setembro de 2006, na cidade de Florianópolis. Ali foi sugerida como possibilidade de continuidade deste estudo uma investigação do imaginário juvenil local a partir de um grupo de jovens nativos, moradores do bairro central do município de Santa Cruz do Sul, para efeitos de comparação. Fato que torna pertinente a continuidade de estudos com o público juvenil local.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.M. (Org.) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.

ARPINI, Dorian Mônica. *Violência e exclusão: adolescência em grupos populares*. Bauri, SP: EDUSC, 2003.

BAQUERO, Marcello. In: CORREA, Silvio M.S.(Org.). *Capital Social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BAQUERO, Marcello. GONÇALVES, M.A.; BAQUERO, R. *Reflexões sobre a pesquisa nas ciências humanas*. Barbarói: Revista do Departamento de Ciências Humanas – UNISC. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1995. p. 17-32

BARTHES, Roland. *A escuta*. In: O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.217-229

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.

BECK, U., GIDDENS, A. e LASH, s. [orgs.] *Modernização reflexiva*. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: EDUNESP, 1998.

BECKER, Dinizar Fermiano. *Sustentabilidade: um novo (velho) padrão de desenvolvimento*. REDES/Universidade de Santa Cruz do Sul. – Vol.1, n.2 (Jul.1996). – Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1996. p.17-74

_____. *Competitividade: um novo padrão de desenvolvimento regional*. REDES/Universidade de Santa Cruz do Sul. – Vol.1, n.1 (Jul.1996). – Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1996. p.9-55

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.
- BOISIER, Sérgio. *El desarrollo territorial a partir de la construcción de capital sinérgico*. Revista REDES, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – UNISC, Edunisc. Vol. 4, n.1, jan/abr. 1999.
- BONIN, Luiz Fernando Rolim. Indivíduo, cultura e sociedade. In: JACQUES, M. das Graças (Org.) *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Ltda, 1983. p. 112-121
- _____. Les trois états du capital culturel, in: Actes de la recherche em sciences sociales, nº 30. Paris, 1979.
- BOUDON, Raymond (dir). *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- BRANDÃO, Silvana Cardoso; FARIA, Milton Julio. (Orgs). *Psicologia Social: Indivíduo e Cultura*. São Paulo: Alínea, 2004.
- CAHN, Raymond. *O adolescente na psicanálise: a aventura da subjetivação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publisfolha, 2000.
- CAMPOS, H. A; SCHNEIDER, L.C. *Agenda 21 Regional do Vale do Rio Pardo (RS)\ Conselho regional de desenvolvimento do Vale do Rio Pardo*. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- CASTEL, Robert. *La inseguridad social: que es estar protegido?* Buenos Aires: Manantial, 2004.
- CONTINI, M.L.J; KOLLER, S.H; BARROS, M.N.S. *Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Brasília: CFP, 2002.

CORREA, Silvio M.S.(Org.) *Capital Social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003

CORREA, Silvio Marcus de Souza. *Aspectos sociais e culturais do Vale do Rio Pardo*. In: SCHNEIDER, L.C; CAMPOS, H.A. (Orgs.) *Agenda 21 Regional do Vale do Rio Pardo – RS*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Filosofia Moderna* In: “Primeira Filosofia”. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.77.

_____. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994. p.277

COHN, Gabriel. Apresentação. In: HIRANO, Sedi (org). *Pesquisa social, projeto e planejamento*. 2ª edição. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

COSTA PINTO, L. A.: *Sociologia & Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: 3ª edição, Civilização Brasileira, 1970.

COSTA PINTO, L.A. Os processos de mudança social na América Latina. In: *Sociologia e Desenvolvimento: temas e problemas de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1973 p. 301-319

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DUARTE, Rosália. *Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rbsc.com.br>

DUPAS, Gilberto. *Economia Global e Exclusão Social*. São Paulo: Paz & Terra, 2001. p. 13-27.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ERICKSON, Erik H. *Identidade: Juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ETGES, Virgínia Elisabeta. *Sujeição e resistência: os camponeses gaúchos e a indústria do fumo*. Santa Cruz do Sul: FISC, 1991.

Estabilidade Inaceitável, Desigualdade e Pobreza no Brasil. Instituto de Política Econômica Aplicada – IPEA. Disponível no site: <http://www.ipea.gov.br>.

FAUDEZ, Antonio. *Educação, Desenvolvimento e Cultura*. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

FEATHERSTONE, Mike (org.) *O desmanche da cultura. Globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo, 1997.

FERNANDES, Rubem César. *Segurança para viver: propostas para uma política de redução da violência entre adolescentes e jovens*. In: NOVAES, R; VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____ *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Edição Standard brasileira da obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FUKS, Betty B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FURTADO, Celso. Trechos da entrevista concedida em dezembro de 2001 ao jornal “Brasil de fato”. Disponível no site: <http://www.celsofurtado.rj.gov.br/>

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Lisboa, Celta 1990.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: ed. Loyola, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HABERMAS, J. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. São Paulo: Loyola, 2002.

HELFER, Inácio. *Processos de inclusão e exclusão social no desenvolvimento regional do Vale do Rio Pardo (RS)*. Relatório parcial de pesquisa do PPGDR e do Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2003.

HERMET, Guy. *Cultura & Desenvolvimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000. Disponível em: [http\\: www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)

IÑIGUEZ, Lupicínio. *A análise do discurso*. IN: Construcionismo Social. P.157-167.

INSTITUTO CIDADANIA – Disponível em [http\\:www.icidadania.org.br](http://www.icidadania.org.br)

JORNAL GAZETA DO SUL – Disponível em [http\\: www.gazeta.viavale.com.br](http://www.gazeta.viavale.com.br)

KAPLAN, E. [org.]. *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KEIL, Ivete. Capitalismo, ordem social e exclusão: por uma discussão de teorias (p.71-115). In: BAQUERO, Marcelo (org). *Reinventando a sociedade na América Latina*. Cultura política, gênero, exclusão e capital social. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2001.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KLIKSBERG, Bernardo e TOMASSINI, Luciano (orgs) *Capital social y cultura: claves estrategicas para el desarrollo*. Buenos Aires, 2000.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário de Psicanálise: Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LASCH, C. *The Culture of Narcissism*. New York, Warner Barnes Books, 1979.

LESSA, Carlos. *Auto-estima e desenvolvimento social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

MARX, Karl. *O capital : crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MENEGON, Vera Míncolf. Porque jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano. In: SPINK, M.J. (Org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 215-241.

MINAYO, M.C.S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 9-29.

_____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Alusco, 1999.

MORAES, Jorge Luiz Amaral. *Capital social e desenvolvimento regional*. IN: CORREA, S.M.S. (Org.) *Capital social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

MULLER, Alba Letícia. *Empresa familiar: os sentidos da família, da empresa e da profissionalização sob o aspecto do desenvolvimento regional*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Santa Cruz do Sul, 2004.

OFFE, Claus. *Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: 5ª edição, Editora Brasiliense, 2003.

OLIVEIRA, M.A. *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

PINHEIRO, Odete de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M.J. (Org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.

PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - PNDRS. Setembro, 2002. Disponível em: www.cndrs.org.br

POCHMANN, Márcio. (Org.) *Atlas da Exclusão Social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.

POCHMANN, Márcio (Org.). *Outra cidade é possível*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p.217-241

PROJETO JUVENTUDE - <http://www.projetojuventude.org.br>

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Disponível em: www.pnud.org.br

PROGRAMA CONVIVÊNCIA E APRENDIZADO NO TRABALHO – Lei 10.097. Disponível em: www.pgt.mpt.gov.br/trab_inf/adolescente/aprendiz.html

RASSIAL, Jean-Jacques. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

RASSIAL, Jean-Jacques. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO JUVENIL – UNESCO (2003).

RIBEIRO, Darcy: *O processo civilizatório*. Etapas da evolução sócio-cultural. Petrópolis: 4ª edição, Editora Vozes, 1978.

ROUANET, Sergio Paulo. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Milton. *O Brasil : território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro, Record, 2005.

SANTOS, Wanderley Guilherme. Horizonte do Desejo: instabilidade, fracasso coletivo e inércia social. IN: *A inércia social*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p.165-176.

SANTOS, Boaventura de Souza. [org.] *A globalização e as ciências sociais*. Editora Cortez, São Paulo, 2002.

SCHMIDT, João Pedro. *O que pensam os jovens hoje*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1996.

_____. *Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

SCHNEIDER, L.C; CAMPOS, H.A. (Orgs.) *Agenda 21 Regional do Vale do Rio Pardo – RS*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

SCHRADER, Achim. *Métodos de pesquisa social empírica e indicadores sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

SINGER, Paul. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2005.

STIGLITZ, Joseph E. Trechos da entrevista: “O inimigo à espreita”, concedida em 19 de Agosto de 2002 à *Revista Época*. Edição 222. Disponível no site: <http://revistaepoca.globo.com>.

SIEDENBERG, D.R; BASSAN, D.S. *Desenvolvimento desigual na região do Vale do Rio Pardo*. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v.8, n.1, p.121-150, jan./abr. 2003

SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.

TOROSSIAN, Sandra Djambolakdjian. *A construção das toxicomanias na adolescência: travessias e ancoragens*. Tese de doutorado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2001.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo. *Bases Teórico-metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: Ideias gerais para a elaboração de um Projeto de Pesquisa*. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL. *Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos*. 8.ed. revisada e ampliada por Clarice Agnes e Inácio Helfer. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

WASELFISZ, Jacobo. *Mapa da Violência III*. Brasil: UNESCO, 2002.

YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002.

ZAGURY, Tania. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ANEXO A**ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

**ROTEIRO DE PESQUISA SOBRE
SUBJETIVIDADE JUVENIL E MAL-ESTAR
NA CAPITAL REGIONAL DO VALE DO RIO PARDO (RS)**

Amostra = 12 entrevistados – população urbana do município

Distribuição da Amostra: Jovens com idade entre 15 e 24 anos, sendo 6 residentes no bairro Bom Jesus (sul e periferia) pertencentes ao grupo *Unidos pela Paz* e 06 residentes no bairro universitário (centro e norte) pertencentes ao Diretório Acadêmico de História da UNISC. Cada grupo está dividido conforme o gênero.

O financiamento dos custos (material e pessoal) provém de recursos da própria pesquisadora.

* Esta pesquisa foi realizada em Maio e junho de 2005, sendo as entrevistas aplicadas pela própria pesquisadora (treinada pelo Núcleo de Pesquisa Social – NUPES, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC).

Entrevista Nr.:

Data:

Local:

Rapport Inicial

Esta é uma pesquisa científica vinculada ao curso de mestrado em Desenvolvimento Regional da UNISC, que visa investigar a realidade juvenil local, a forma como os jovens se relacionam com a sociedade santa-cruzense, como se percebem cidadãos (excluídos ou incluídos do desenvolvimento). Espera-se uma contribuição espontânea que trata não da opinião, mas da forma como esses jovens se percebem participantes do desenvolvimento de sua cidade, sobre os sentidos que se produzem numa situação de diálogo. Vale lembrar que não existem respostas certas ou erradas e que as identidades serão preservadas por um contrato de sigilo entre entrevistados e entrevistadora. Do mesmo modo, no transcorrer da entrevista o entrevistado pode desistir de participar da pesquisa e ter a certeza de que esta não lhe causará nenhum prejuízo físico ou moral através dos dados coletados.

(Parte I) DADOS PESSOAIS

1. Gênero:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Estado civil:
5. Naturalidade:
6. Ocupação:
7. Grupo pertencente:

(Parte II) QUESTÕES

1. O que lhe vêm à cabeça quando se fala a palavra Juventude?
 - Como é viver a experiência da juventude?
 - E foi sempre assim?
2. O que lhe vem à cabeça quando se fala a palavra participação?
 - Como se vê participando?
 - E foi sempre assim?
3. O que lhe vem à cabeça quando se fala na cidade de Santa Cruz do Sul?
 - Como é ser um adolescente no bairro Bom Jesus?
 - E foi sempre assim?
4. O que você pensa sobre o futuro?
 - O que isso tem a ver com você?
 - E foi sempre assim?

ANEXO B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa científica *Subjetividade Juvenil e Mal-estar na capital regional do Vale do Rio Pardo (RS)* a ser realizada (com recursos próprios) pela psicóloga e mestranda em Desenvolvimento Regional (UNISC), *Caren Schultes Borges*, conta com a colaboração dos jovens desta comunidade para um estudo sobre os sentidos produzidos pelos jovens santa-cruzenses (urbanos) em relação a sua participação ao desenvolvimento de sua região. O estudo visa investigar a realidade juvenil local, a forma como os jovens se relacionam com a sociedade santa-cruzense, como se percebem cidadãos (excluídos ou incluídos do desenvolvimento). Espera-se uma contribuição espontânea que trata não da opinião, mas da forma como esses jovens se percebem participantes do desenvolvimento de sua cidade, sobre os sentidos que se produzem numa situação de diálogo. Visa compreender como os jovens manifestam seu mal-estar; compreender como agem/reagem frente a (in)satisfação; e como se percebem diante dos processos de exclusão/inclusão social. A pesquisa será realizada com jovens com idades entre 15 e 24 anos, residentes nos bairros norte e centro-leste (jovens universitários), sul e periferia (jovens do bairro Bom Jesus) do município de Santa Cruz do Sul, na região do Vale do Rio Pardo (RS), compondo seis pessoas cada grupo (total de doze pesquisados), sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino. O período da coleta de dados corresponde de maio à junho de 2005, sendo num total de 02 entrevistas por jovem pesquisado a realizarem-se nas dependências da UNISC (Diretório Acadêmico de História) para o grupo de jovens do bairro universitário e em sede local (Paróquia Conceição) para o grupo de jovens do bairro Bom Jesus. As entrevistas ocorrerão de forma individual e serão gravadas com o consentimento dos jovens e considerando que suas identidades serão preservadas e que em qualquer momento poderão desistir da entrevista. Do mesmo modo o entrevistado pode ter a certeza de que esta não lhe causará nenhum prejuízo físico ou moral através dos dados coletados. A intenção é investigar a realidade da juventude local através de suas falas, para que através das pesquisas científicas se possa pensar novas idéias para que se formulem políticas de inclusão para jovens, ou seja para que seja possível se pensar uma sociedade mais justa, onde seus indivíduos possam exercer a cidadania.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado de forma clara e detalhada dos objetivos e dos procedimentos que serei submetido. Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, assim como terei total liberdade para retirar o meu consentimento, sem que isso traga qualquer prejuízo a minha pessoa. Entendo que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações registradas com a minha privacidade. Sendo assim, concordo em participar deste estudo.

A Pesquisadora Responsável por este Projeto de Pesquisa é *Caren Schultes Borges* (Fone: (051) 9832.3274), tendo este documento¹¹ sido revisado e aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa dessa Instituição em 20/05/2005.

Entrevistado

Caren Schultes Borges
Pesquisado

¹¹ O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

ANEXO C
CARTA DE APROVAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

ANEXO D
MAPA DE SANTA CRUZ DO SUL

ANEXO E
EXEMPLO DE MAPA DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS

Mapa 2: D.V.(13)

	Primeiras Associações	Explicações das associações	Qualificadores
A	<p>C.- Bom, então vamos voltar ao tema da pesquisa. Eu queria assim que tu conversasses, pois na verdade aqui, assim, nós vamos dialogar. E como eu te falei não existem respostas erradas, nós vamos falar é sobre a juventude.</p> <p>C.- O que te vem à mente quando se fala a palavra juventude?</p> <p>D.- <i>Ser jovem? Ser jovem é legal!</i></p> <p>C. – Como é para ti esta experiência de ser jovem?</p> <p>D.- <i>Ah, total porque se aprende várias coisas. Tu erra e depois tu vê e tu volta. É bem legal... Conforme tu vai crescendo, tu vai.... Que nem na minha idade assim, sabe, tu não vê a hora de ter tal idade. Daí depois eu vou lá e converso com pessoas que fizeram 18 e disseram assim não vejo a hora... quero voltar ao passado, ser jovem... Ah, a gente sai e trabalha, estas coisas, sabe. As conversas assim são mais avançadas do que com as amigas, sabe. Coisas assim que a gente comenta, mais coisas que a gente faz e que erra e conversa, mais assim quando se é jovem.</i></p>	<p>C - E a quanto tempo você mora aqui no bairro Bom Jesus?</p> <p>D. – <i>Ah, eu comecei desde... Eu nasci aqui daí eu fui morar com a minha avó. Na minha infância e vim aqui morar com a minha avó. A gente não parava em casa certa, até eu morei em várias casas, sabe e eu odiei. Aí depois eu fui crescendo, crescendo e tomando coragem daí acabei voltando pra cá.</i></p> <p>C.- Tu foi e voltou?</p> <p>D.- <i>É...</i></p> <p>C.-E que idade tu tinhas quando retornou ao bairro?</p> <p>D.- <i>Quando eu voltei? Eu tinha, acho uns onze, doze anos. Onze pra doze, por aí.</i></p> <p>C. – Então faz uns dois, três anos que tu estás morando aqui?</p> <p>D.- <i>É, por aí. Eu já morava quando era pequena só que daí eu fui pra lá e voltei.</i></p> <p>C.- E agora tu moras com teu pai e tua mãe e com tua irmã?</p> <p>D.- <i>Não, só com a minha mãe, pois meu pai já é falecido.</i></p> <p>C.- Além da escola, tu</p>	<p><i>eu morei em várias casas, sabe e eu odiei</i></p> <p><i>eu fui crescendo, crescendo e tomando coragem daí acabei voltando pra cá.</i></p> <p><i>Eu tenho também informática que eu faço na escola...</i></p> <p>Ser jovem? Ser jovem é legal!</p> <p><i>Ah, total porque se aprende várias coisas. Tu erra e depois tu vê e tu volta</i></p> <p><i>quero voltar ao passado, ser jovem</i></p> <p><i>a gente comenta, mais coisas que a gente faz e que erra e conversa, mais assim quando se é jovem.</i></p> <p><i>que pra outros tem aquele preconceito que eu ainda sou pequena,</i></p>

	<p>C.- E como é ser jovem, adolescente aqui no bairro Bom Jesus? D.-É legal, só que pra outros tem aquele preconceito, né? Que nem falam... isso que eu ainda sou pequena, né? Ai, os pobres, assim, sabe têm um índice alto de gravidez. Cheios de preconceito e é os outros que botam que os jovens do bairro Bom Jesus são aquilo, sabe. Falam de mal e tudo, mas eles não sabem ver o lado bom, só o lado ruim das pessoas.</p> <p>C.- E tu acha que foi sempre assim? D.- Sempre os outros tem um olhar bem diferente do nosso bairro, sabe. Porque... às vezes tem alguma violência, só porque às vezes tem uns que aprontam é que o bairro todo que é aquilo, né? Ah, não sei. Eu acho que eu tenho uma cabeça bem assim, não é aquela coisa, sabe. É que as pessoas não têm muito apoio dos pais, é a única coisa que eu acho, sabe. Que nem eu conversei com ele e ele contou que o pai dele foi viciado, essas coisas assim, sabe... E ele acha que ele tem que seguir o caminho dele. Só o apoio dos pais, é o que falta muito, sabe? Os pais não cobram, não fazem</p>	<p>tens ou faz outra atividade? Assim como tu participas aqui do grupo, teria mais alguma outra coisa, algum esporte? D.-Não, até agora a gente vai começar com o grupo de danças, sabe? Eu tenho também informática que eu faço na escola...</p>	<p><i>Ai, os pobres, assim, sabe têm um índice alto de gravidez. Cheios de preconceito</i></p> <p><i>Falam de mal e tudo, mas eles não sabem ver o lado bom</i></p> <p><i>os outros tem um olhar bem diferente do nosso bairro</i></p> <p><i>as pessoas não têm muito apoio dos pais</i></p> <p><i>Os pais não cobram, não fazem nada, deixam o filho tomar</i></p> <p><i>. E eu já ia me metendo no meio dos adultos, eu já queria estar lá junto com eles</i></p>
--	--	---	---

	<p>nada, deixam o filho tomar conta e daí depois que eles tomam conta fica naquilo, sabe.</p> <p>C.-E teu ingresso no grupo aqui? D.- É legal, porque minha irmã começou frequentando, sabe? Aí eu fui, só que eu era muito pequena, sabe? E eu não entendia... eu tinha uns sete ou oito anos, sabe. E eu já ia me metendo no meio dos adultos, eu já queria estar lá junto com eles. Aí a tia Alaídes disse pra mim crescer mais um pouquinho, que eu tinha só 10 anos... E eu mais adiante, não digo que entrei no grupo, mas comecei praticamente a participar. Eu ia na escola e deixava mensagem no quadro, essas coisas assim, fazia parte da arrecadação de armas e foi assim. Aí depois a minha irmã saiu e eu continuei, depois eu saí, depois eu voltei, mais já grande, sabe.</p>		
B	<p>D.-Não sei assim porque uns participam muito, outros não, sabe? Uns se afastam outros já querem se entrosar mais, principalmente quem vai. É principalmente aqui no bairro, sabe as pessoas tem muita dificuldade de participar, só querem pra eles, querem pra si, sabe.</p>	<p>C.-Eles quem? D.- É, principalmente assim os que não têm... aí, conscientização, várias coisas. Daí pensam que são os donos de tudo, sabe, que podem fazer o que bem quiser assim essas coisas. Daí o bairro fica cada vez mais rebaixado. Na verdade eu acho que não</p>	<p>as pessoas tem muita dificuldade de participar, só querem pra eles, querem pra si, sabe</p> <p>Não tem essa coisa de próximo ou de passar uma palavra de boa</p>

	<p><i>Não tem essa coisa de próximo ou de passar uma palavra de boa ação. E quando assim tem coisas novas aqui no bairro eles não vêm, sabe. Ou se vem é pra estragar mesmo, sabe. Tipo a feira na comunidade que teve aqui aquela vez... Assim, além deles vim já pra proporcionar mudança no bairro, pras pessoas não virem já com aquele olhar. Tem que transformar nosso bairro uma coisa de todo mundo, sabe.</i></p>	<p><i>porque eu adoro quando vem novidades, eu participo logo, eu curto bastante. E eu assim. eu fico super mal, sei lá quando falam: “Ah tu é do bairro Bom Jesus, tu é do Camboim!” Ah, eu me sinto muito mal, porque... camboim é mexer com o meu bairro. Só que não adianta, sabe, porque a minha parte eu faço, só que os outros não ajudam, né? Essa é a parte mais difícil, sabe. É um bairro normal, como todos. Todos tem um problema, sabe. Não é só o nosso bairro. O problema é que tem muita gente assim sabe... que vai e que deixa ele parecer assim.</i></p>	<p><i>ação</i></p> <p><i>porque eu adoro quando vem novidades, eu participo logo, eu curto bastante.</i></p> <p><i>o bairro fica cada vez mais rebaixado</i></p> <p><i>eu fico super mal, sei lá quando falam: “Ah tu é do bairro Bom Jesus, tu é do Camboim!”</i></p>
C	<p><i>D.- Ah, uma cidade bem legal assim sabe, bem organizada. Eu assim não gosto daqui... Sabe, legal assim aqui. São bem criativos, essas coisas assim sabe, mas tem seus limites. É uma cidade assim... de coisas germânicas, essas coisas assim aqui, né?</i></p>	<p>C.- Mas, por quê?</p> <p><i>D.- Não sei, assim... Não acho legal aqui, sabe. Uma cidade normal. Eu gosto mais de Florianópolis porque, assim, é uma cidade mais grande, acho que mais aberta, natural, com mais criatividade. Aqui é sempre tudo a mesma coisa, sabe. Não muda! Volta e meia tem algumas coisinhas, mais legais. Mas quando eu falo assim em Santa Cruz acho assim uma cidade normal. Então pegando a diferença pra mim, que já me perguntaram qual a diferença daqui pra lá, de onde eu gosto. Eu digo: “bah, eu não sei como diferenciar”, sabe. Não sei.</i></p>	<p><i>bem legal assim sabe, bem organizada</i></p> <p><i>Eu assim não gosto daqui...</i></p> <p><i>É uma cidade assim... de coisas germânicas</i></p> <p><i>Uma cidade normal</i></p> <p><i>Eu gosto mais de Florianópolis</i></p> <p><i>É legal e é ruim parece que te excluem quando tu te identifica, que não te dão</i></p>

	<p><i>Santa Cruz...é que tem que conhecer toda Santa Cruz pra dizer a diferença, sabe. Eu já não... conheço só aqui.</i></p> <p>C.- E como é ser morador do bairro Bom Jesus em Santa Cruz do Sul?</p> <p><i>D.- É legal e é ruim, sabe. Porque... não sei assim quando tu chega num lugar eles perguntam onde tu mora, assim, sabe. Daí parece que te excluem quando tu te identifica, que não te dão oportunidades. Se agora que eu só nova já é assim, imagina quando eu for maior, sabe. No táxi pra pegar, nessas coisas tudo assim eles discriminam quem é daqui, não vêem o lado bom. Mas eu gosto de morar aqui no bairro, sabe. Só que é... Eu tento fazer com que os outros que agora entram no grupo, sabe, entendam que o barro Bom Jesus é um bairro normal como todos os outros. Todos, cada bairro tem a sua... sei lá... assim, aí...o seu jeito de ser assim. Violência tem em todo bairro, sabe. Quem nem falam, sabe, aí o Bom Jesus é aquilo... Daí eu pego e falo: “todo bairro tem isso”. Não é só aqui. Bah, eles rebaixam bastante o Bom Jesus. Parece que só aqui tem violência! Bah, todas as escolas têm violência, sabe. Não é só os alunos, são as</i></p>	<p><i>oportunidades</i></p> <p><i>Bah, eles rebaixam bastante o Bom Jesus. Parece que só aqui tem violência!</i></p> <p><i>Todo dia que vem na Gazeta, no rádio ou na TV é no bairro Bom Jesus sempre, sabe. É o mais afetado.</i></p>
--	--	--

		<p><i>próprias pessoas que geram, não é só porque a escola é no bairro Bom Jesus que já está mal falado a escola também é falada. Eu acho que é bom morar aqui, só que eu queria que os outros entendessem, sabe, que esse é um bairro normal, tem violência, tem, sabe. Mas, tem muitas pessoas boas também.</i></p> <p>C.- E como você se sente sendo uma moradora do bairro Bom Jesus ?</p> <p><i>D.-Mais ou menos assim, sabe, eu não dou bola, sou do bairro Bom Jesus e admito, sabe.. Tem muita gente que mente, sabe, que mora no B. Jesus, mas fala que mora no SENAI. Mas eu não, eu falo onde moro, que moro no B. Jesus, sabe. Que a violência tem em tudo que é lugar, tem em tudo que é bairro, sabe. Mas assim, acho que tinha que um pouco, sabe. Mas, parando e pensando acho que é mais aqui, sabe que se gera violência. Todo dia que vem na Gazeta, no rádio ou na TV é no bairro Bom Jesus sempre, sabe. É o mais afetado. E parece que os que fazem a reportagem, eles querem vir cada vez mais para o Bom Jesus. Às vezes eu fico pensando...Ai, estas pessoas ficam falando aí, mas muitas vezes não</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>sabem quem elas são e o que fazem aqui no bairro... Acho que é isso.</i></p> <p>C.- Está abafado aqui um pouco... (abri a janela para entrar mais sol e para o ar circular).</p>	
D	<p>D.- Desde pequena eu brincava que eu tinha meus alunos, eu quero ser professora, esse é meu sonho. Ai, que eu quero realizar ele, eu busco, sabe. Cada vez mais a gente vence uma barreira e vem outra, é muito difícil. Mas, eu pretendo alcançar todos meus objetivos, ter tudo o que eu quero, só que sempre tem aquelas coisas assim, que nem...como é que posso te dizer... que nem eu quero trabalhar, mas a minha mãe não deixa, né? E às vezes eu penso que é muito difícil e por outro lado eu penso que se eu quero ser uma professora eu tenho que buscar meu sonho, então. Está nas minhas mãos e eu tenho que ... bem no futuro mesmo sabe, porque eu não sei o que está para vim ainda, sabe. Então o começo já está difícil, e isso balança a gente. O que me dá medo é que dá vontade de desistir do meu sonho, sabe. Complica tudo, pois eu não sei o que está por vir ainda, será que eu vou vencer tudo? Que eu quero realizar eu quero, mas é</p>	<p>C.- E em relação à vida como um todo, como você pensa seu futuro?</p> <p>D.- Ah, eu penso naqueles que param de estudar, que não trabalham, que dependem só dos pais, roubam, essas coisas assim, sabe. Assalto, tudo o que eles não têm, sabe. Daí eu pensava em tudo o que eles estão fazendo, daí eles não pensam no futuro, é no agora e deu, sabe. Eles não têm aquela coisa: ah, eu quero ser tal coisa, eu quero... eles fazem e deu, não pensam mais tarde nas conseqüências. Pensam só no que vão fazer, querem e fazem, sabe. Que nem não respeitam os pais, batem nos pais, matam... com violência e tudo. Não pensam no depois, no mais tarde, que eles vão gerar ainda uma família. Essa coisa de pensar como foi sua juventude, eu tava até agora à pouco perguntando. E um deles... ele rouba, essas coisas, ele paga aluguel com dinheiro roubado e tudo. Eu perguntei para ele se é isso que ele quer pros filhos dele e ele disse que não, então porque tu fazes,</p>	<p><i>quero ser professor, esse é meu sonho</i></p> <p><i>muito difícil</i></p> <p><i>eu quero trabalhar, mas a minha mãe não deixa,</i></p> <p><i>o começo já está difícil, e isso balança a gente. O que me dá medo é que dá vontade de desistir do meu sonho,</i></p> <p><i>Não pensam no depois, no mais tarde</i></p> <p><i>É através da cabeça da pessoa, pois ela sabe o que vai fazer</i></p> <p><i>eu quero aproveitar muito ainda.... Sei lá, estou descobrindo ainda, sabe</i></p> <p><i>Não digo que não me considero jovem ainda,</i></p>

	<p><i>muito difícil!</i></p>	<p><i>sabe? E se alguém, algum dia chegar e perguntar o que tu foi na tua juventude? E ele disse que se tivesse um filho que quisesse se chapar essas coisas assim ele disse que podia, que não tava nem aí. Então, tudo o que tu estás passando agora tu queres passar pro teu filho? E ele disse é... Então, são essas pequenas coisas assim que me fazem parar e pensar, sabe, que são essas pessoas que afetam o bairro, sabe. E que essas não adiantam, tá? É através da cabeça da pessoa, pois ela sabe o que vai fazer. Acho que cada um tinha que parar e pensar, pensar no que está fazendo. Tá, que fez agora e que talvez tenha conseqüências e aí pensa assim, talvez não vá dar nada! Mas pode ser na última hora assim, que vai ter. Mas, aí não querem nada com nada. Não pensa que não tem escolha, só quer pensar no agora, depois não tem...</i></p> <p>C.- E se tu te fizer esta pergunta que tu fez para ele?</p> <p><i>D.- Ah, eu quero aproveitar muito ainda.... Sei lá, estou descobrindo ainda, sabe. Não digo que não me considero jovem ainda, sabe, mas tipo quase adolescente. Nada assim muito exato, sabe. Mas eu quero assim cada vez mais</i></p>	<p><i>sabe, mas tipo quase adolescente. Nada assim muito exato</i></p> <p><i>Mas, eu quero cada vez mais crescer assim e me entrosar com adultos, não gosto de ser criança</i></p>
--	------------------------------	---	--

	<p><i>me entrosar com os adultos, chega de criança, que para mim já foi... Ah, as pessoas dizem pra mim: tu tem a cabeça assim já formada, mais séria do que os outros. Até a minha irmã chegou esses dias e disse pra mim, que eu tenho que parar um pouco com isso, que eu tenho que aproveitar mais. Mas, eu quero cada vez mais crescer assim e me entrosar com adultos, não gosto de ser criança. Lógico que eu me dou com crianças, converso com elas, mas não quero ser elas. Porque tem gurias da minha idade que tem a cabeça infantil ainda.</i></p> <p>C.- Infantil, tipo o quê? D.- <i>Que brinca de boneca, essas coisas, que não pensam sei lá... não pensam no futuro ainda. Eu não! Eu já quero pensar no meu futuro, quero fazer meus 18 anos, quero ir em bailes essas coisas, mas com um certo limite, né? Quero aproveitar bastante pra depois eu ter uma família. Mas pra isso eu preciso ser adulta e não vejo a hora de fazer isto, sabe.</i></p> <p>C.- E o que vai mudar no momento que tu fores adulta? D.- <i>(risos) A minha mãe não vai ficar tão me segurando assim sabe. Ela</i></p>	
--	---	--

		<p><i>me segura muito, sabe. E, vou me mandar já, mas não assim sem minha mãe estar por perto, isso também não. Mas, que ela aceite mais o jeito assim de eu levar a vida, que eu faça as coisas, mas com consciência. Tipo agora eu não posso, sabe, vou ter que esperar... mas é que demora um pouco pra passar tudo e depois que a gente chega na idade adulta a gente quer voltar, isso que eu não entendo ainda muito, sabe.</i></p> <p><i>D.- Não assim, eu só queria que pudesse... que eu tava aqui me imaginando num palanque, que eu pudesse falar pra todo o bairro Ah, sei lá assim, que ele parasse com isso. Eu queria ter um grupo assim que nem... não tenho vocação pra psicólogo, mas que eu pudesse conversar, porque eu adoro assim dar conselhos, adoro escutar também. O tipo de coisa que eu faço por todos também.. Uma coisa assim eu sou teimosa, sabe. Eu tenho bastante... eu sou persistente e quando eu tenho uma coisa eu vou lá e busco. Ah, só isso. Eu queria que as pessoas parassem de olhar... eu queria que elas falassem pra mim, olhassem e falassem do bairro como</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>um bairro normal e não falar assim debochado, sabe. Pois quando eles falam assim Bairro Bom Jesus já estão falando que lá tem marginal, que só tem maconheiro, só tem aquilo, mas é um bairro normal, que como todos tem violência, mas não é aquela assim como os outros pensam, que é o bairro mais... Ah, sei lá. E não é bem assim, tem muita gente boa que mora aqui e tudo, mas estes se prejudicam através dos outros que tornam o bairro mal</i></p>	
--	--	--	--